

Alberto Dines

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto

Data da entrevista: 17/09/2008

Dines, qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Meu nome completo é Alberto Dines. Nasci no dia 19 de fevereiro de 1932. Eu nasci aqui no Rio de Janeiro, na Beneficência Portuguesa, na Glória. Meus pais moravam numa pensão no Flamengo. Eu fui criado no Rio de Janeiro, primeiro em Vila Isabel, depois no Andaraí e na Tijuca. Eu sou um garoto do Rio.

Quais eram os nomes e as atividades dos seus pais?

Meu pai chamava-se Israel Dines e minha mãe, Raquel Dines. Meu pai era imigrante, chegou aqui nos fins dos anos 1920, vindo da Rússia. Na verdade, naquela ocasião já era a Polônia, porque depois da Primeira Guerra Mundial a Polônia recuperou um pedaço da Ucrânia, então ele já veio como cidadão polonês e ele era um ativista profissional da comunidade judaica. Ele já na Polônia trabalhava com organizações de refugiados, organizações de apoio social. A comunidade judaica sempre foi muito organizada, muito estruturada. Ele já trabalhava, tinha feito um curso de secretariado, que era uma espécie de curso de gerenciamento. Ele tinha feito esse curso lá, e chegou aqui muito qualificado. Foi para Curitiba, tentar o comércio, mas ficou apenas alguns meses lá e logo foi contratado pra vir para o Rio, então capital federal, onde havia uma organização judaica importante, cuidando do amparo aos imigrantes, da colocação das pessoas que chegavam. Então ele começou a se meter também com a educação, as escolas judaicas, era um homem "full time" dedicado à organização da comunidade judaica. Ele passou a vida inteira dedicado a isso. Se me permitem contar uma anedota – se for o caso depois vocês tiram –, ele era um militante mesmo e aí quando ele, naquela época quando você fazia 25 anos de casa você era, terminava o período e você estava aposentado e aí amigos do meu pai preocupados que ele iria parar de trabalhar, preocupados com o salário, foram falar com um grande milionário e um grande filantropo da comunidade judaica, muito conhecida, chamada Wolff Klabin, que era amigo do meu pai também, e falando olha vê se você arranja uma cota de papel para o Israel Dines porque cota de papel era dinheiro em caixa, o papel era produzido e quem tinha uma cota colocava essa cota automaticamente. O Brasil

ainda não tinha chegado ao que era hoje em matéria de produção de papel então, levaram esse pedido ao Wolff Klabin, e ele falou: "Mas como? Eu pensei que o Israel Dines era milionário, ele se dedica tanto a causas sociais!" "Não, não, ele é um militante mesmo". E nos últimos anos da vida ele se transformou num papeleiro, ele tinha uma cota de papel e distribuía, vendia isso, então os últimos anos foram os mais confortáveis, aí eu já era jornalista e, mas de certa forma eu carrego um pouco do DNA dele, da militância, da dedicação, da causa pública.

E Dines, essa militância do seu pai incluiu algum envolvimento com o jornalismo naquela época?

Eu descobri isso muito recentemente, ele era muito organizado, ele deixou muita papelada, correspondência organizada em várias línguas, algumas eu não entendo, e eu descobri algumas carteirinhas dele e nessas organizações que ele esteve ligado na Polônia ele tinha carteira de jornalista, quer dizer ele não era um profissional de jornalismo, mas como algumas das atividades eram políticas, ele era muito ligado aos movimentos judaicos socialistas, sionistas socialistas, daqueles que construíram o Estado de Israel, e essas organizações tinham seus veículos e ele era redator, eu achei três ou quatro documentos de identidade jornalística dele, mas ele não era um jornalista. Ele era um militante político, isso sim.

E sua mãe?

Minha mãe era da mesma região, ela tinha um *background*, vamos dizer acadêmico, melhor. Ela fez o ginásio lá na Rússia, na antiga Rússia, e isso era uma coisa de altíssimo nível. Ela escrevia russo brilhantemente, hebraico, falava muito bem ídiche, chegou aqui logo aprendeu português, falava um português lindíssimo, escrevia muito bem, digamos era do tipo mais intelectual, mais recolhida também, eu acho que eu tenho um pouco desse DNA, há momentos em que eu sou um pouco ela também. E é isso sobre eles.

Quando começa o seu envolvimento com o jornalismo?

Meu envolvimento com o jornalismo começou muito cedo e é bom falar isso porque agora em 2009 nós vamos falar nos 70 anos da 2ª Guerra Mundial, que é considerado o acontecimento mais importante nos últimos 500 anos, porque virou o mundo todo, não só a violência em si, mas todas as transformações do mundo, da Europa, e meu jornalismo têm a ver um pouco com a 2ª Guerra Mundial. Eu

estudava numa escola, eu estudei sempre em escola judaica, fiz o primário numa escola progressista, de esquerda, depois no ginásio eu passei para uma, não progressista, mas também não era reacionária, era sionista. Era um colégio chamado Ginásio Hebreu Brasileiro, muito avançado, a maioria dos meus professores eram todos de esquerda, do Partidão naquela época, todos professores do Pedro II, e o colégio era muito ligado também às atividades cívicas e o Brasil estava na Guerra. O Brasil entrou na Guerra em agosto de 1942 e nós tivemos problemas aqui no Brasil de abastecimento, os submarinos alemães impediam o transporte marítimo e você tinha problemas de fila de açúcar, de leite, pão racionado. Não tinha gasolina. Foi uma situação que hoje a gente acha impensável, mas ela foi real. E a LBA, a Legião Brasileira de Assistência, que era dirigida pela dona Darci Vargas, a esposa do Getúlio, lançou o programa "Horta da vitória", era para estimular as pessoas nos seus quintais, nos seus jardins, a fazerem suas hortinhas para terem comida, porque não tinha, a feira às vezes estava desabastecida, essa palavra não existia então, mas era essa a realidade. E estimulou as escolas, os clubes, e o meu colégio que tinha um quintal grande, aqui na praça Saens Peña, na Desembargador Isidro, lá em cima, tinha um quintal grande, e resolvemos, os garotos mesmos, da 2ª série, se não me engano, 1ª série ginásio ou da 2ª, resolvemos fazer uma "horta da vitória". E aí recebemos os equipamentos agrícolas. Enxada, esterco, vem tudo isso num bonde, o bonde passava ali, veio tudo arrumadinho e vinha instruções também e os professores também, eles, nas instruções eles, não seria bom que cada horta da vitória tivesse um jornalzinho para comunicar, pra distribuir, pra aumentar, digamos a participação de todos, era uma coisa muito boa, muito boa mesmo, o Brasil estava mobilizado de uma forma muito bonita contra o nazifascismo. E aí resolvemos fazer um jornalzinho. Um jornalzinho da "horta da vitória", mas era o jornal do Ginásio Hebreu Brasileiro. Uma das pessoas que foi muito ativa, infelizmente já morreu, foi o Moisés Weltman, que era meu colega. Ele era muito ativo, também era muito próximo do Partido Comunista, na ocasião. E nós começamos a fazer o jornal. Conseguimos mimeógrafo, papel, tinta do mimeógrafo, o estêncil, e alguém datilografava pra nós e saía, quando podia. Infelizmente eu não guardei, e tinha coisas, até a gente gozava alguns professores, e tal, depois me arrependi, e era muito livre, os professores não interferiam, eu era diretor e também tesoureiro, que eu tinha que cuidar das finanças, meu pai me ensinou a fazer um livro caixa, entrava dinheiro, eu tinha que comprar o papel, e assim fomos fazendo esse jornalzinho. Quando a guerra acabou a gente conseguiu até imprimi-lo já em impressora mesmo, acho que foi um número só. Terminamos o ginásio, o mesmo grupo ficou muito próximo, a gente estudava junto, era muito comum a gente ir à

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, estudar lá, tem aquelas mesas redondas, a gente ia lá pra estudar juntos, também é uma atividade muito criativa, e esse grupo foi convidado, não sei como, nós fomos convidados para participar do Jornal da Juventude, que também era muito próximo do partido comunista. O partido comunista, pelo menos naquela época, já estava proibido ou ia ser proibido, mas ele estava muito infiltrado na sociedade brasileira, como um todo, infiltrado no bom sentido e esse Jornal da Juventude saía... Acho que era quinzenal e eu trabalhava lá, eu acho até que eu tinha uma seção de filatelia, porque era um jornal para atender um público jovem. Filatelia, naquela época, era umas atividades educativas, didáticas, ainda é, mas é menos popular, e nós fomos muito atacados pela, não posso lembrar hoje, mas tinha um jornal de extrema direita, que tinha sido integralista, que um dia fez uma matéria contra o Jornal da Juventude. E aí botou nossos nomes todos, que éramos conhecidos como comunistas, pô, eu tinha 15 anos. Devo ter isso em algum lugar, talvez eu tenho esse recorte. Mas foi esse início, mas eu não tinha pretensões a ser jornalista não. Eu sabia que o jornalismo estava próximo das coisas que eu fazia, a Horta da Vitória, depois esse Jornal da Juventude, e depois outras atividades que eu me envolvi, mas eu não estava vendo o jornalismo como uma atividade fim. Digamos, aos 18 anos, me encantei com cinema, estamos falando do fim dos anos 1940, e eu queria ser cineasta. Meu sonho era estudar cinema em Paris, onde o Néelson Pereira dos Santos estudou. Não consegui. Naquela época pra ter a bolsa de estudo você tinha que ter pistolão, carta de recomendação, eu não tinha, eu não consegui. Mas me dediquei ao negócio do cinema, com muito afinco, estudava cinema, participava do cineclube aqui, tinham dois cineclubes, tinha o cineclube do Rio de Janeiro e tinha o cineclube do Brasil, dirigido pelo Vinícius de Moraes e pelo Alex Viany. Eu estava muito ligado a cinema, estudando cinema e aí um dia me convidaram para ser crítico de cinema da "A cena muda", um veículo muito importante dedicado a cinema. Era uma revista mais de artistas de Hollywood, mas eles queriam alguém que fizesse uma crítica séria de cinema. Eu tinha que ver uns 6 filmes por semana, naquela época as estréias eram muito intensas, os filmes ficavam pouco tempo em cartaz, então eu tinha que ver todos os filmes que estreavam na semana, fazia a crítica, entregava a eles, e durante alguns meses eu fiz isso, até que um dia, e ganhava vale, naquela época não se pagava salário, um vale lá que eles me davam de vez em quando para pagar minhas refeições e tudo, e freqüentava os lugares, os centros de cultura, os cafés literários que seriam hoje, um deles, também é importantíssimo lembrar isso, que é o Vermelhinho, o Vermelhinho em frente à ABI. Aquilo merece uma lembrança, um mergulho, porque ele está em frente à ABI, a ABI era uma coisa muito importante, porque no prédio da ABI tinha a escola de

teatro e a ABI estava numa fase, ela era até mais importante que o Sindicato, pra entrar na ABI era mais difícil do que pra entrar no Sindicato, havia investigação pra saber se o sujeito era jornalista mesmo, era uma coisa mais rigorosa, isso não vem ao caso. Então em frente à ABI você tinha, às 5 da tarde o pessoal saía da ABI, saía do Ministério da Cultura, que era uma grande instituição, tinha o pessoal que saía do Teatro Municipal, que saía da Escola de Belas Artes, que vinha da Biblioteca Nacional, era um polígono ali de cultura . E se encontravam às cinco, cinco e meia na porta do Vermelhinho, ficavam em pé conversando, tomando café, comendo sonho, se alimentando de sonhos, e conversando. Eu freqüentava aquilo também, conheci todo mundo lá e um dia numa dessas rodas, eu conheci um jornalista chamado Naum Sirotsky, que era sobrinho do Samuel Wainer, da Última Hora, ele é primo desse Nelson Sirotsky, da RBS, lá do Sul. E Naum era chefe de reportagem de uma revista que estava sendo lançada naquela época, 1952 foi o ano de ouro da imprensa brasileira, surgiu Manchete, um ano antes tinha surgido à Última Hora, dois anos antes tinha surgido a Tribuna da Imprensa, foi um período muito intenso do jornalismo, e tinha saído a revista Visão, uma revista americana, no estilo da revista Time, e o Naum era o chefe da reportagem e ele estava precisando de um repórter de assuntos culturais, eu nem sabia o que era isso, mas era pra cobrir cinema, pra cobrir teatro...Ele falou: olha eu quero te contratar, passa lá. E eu fui contratado, aí sim eu me registrei no Ministério do Trabalho, carteira profissional, minha carteira profissional é do dia 25 de agosto de 1952, portanto agora fez 56 anos. Aí já me legalizei na ABI, no Sindicato, era tudo mais ou menos automático e comecei a trabalhar como repórter de assuntos culturais da revista Visão. Logo os americanos, muito inteligentes, como o Brasil estava iniciando o processo de industrialização, eles acharam que a revista tinha que passar para São Paulo, porque ia começar o desenvolvimento industrial brasileiro mesmo, e eles perguntaram se eu queria ir pra São Paulo. Claro! Porque em São Paulo tinha já a Vera Cruz, a empresa de cinema do Alberto Cavalcanti, a Kino Filmes, tinha a Maristela, quer dizer, já havia uma produção de cinema regular. No Rio só tinha a Atlântida e a produção de cinema independente que era muito fraca, Eu falei: "claro, eu quero fazer cinema, então eu estarei mais próximo do cinema". Mas eu não podia prever que o jornalismo ia me agarrar. Então, em São Paulo eu realmente tinha um campo de trabalho como repórter muito grande e logo eu deixei a editoria de Cultura, vamos chamar assim, e passei fazer Geral, fazer tudo: o fenômeno Jânio Quadros, o crescimento dele, quando ele foi candidato a primeira vez, eu fiz a cobertura, eu comecei a cobrir tudo, em São Paulo, quer dizer, o jornalismo foi me absorvendo, eu fiquei lá com a Visão em São Paulo, acho que uns 3 anos até que me deu saudades da casa da mamãe e do papai, eu morava numa

pensão, não morava muito bem, aí eu falei, não vou voltar pro Rio. A Visão me trouxe de volta e eu continuei cobrindo, aí já cobrindo política externa, viajando já um pouco e assim eu fui entrando no jornalismo e o cinema eu mantive, continuei fazendo, participei de alguns projetos, fiz roteiros (dois filmes aí que hoje foram recuperados, feitos em São Paulo, têm o meu roteiro: "O craque" e "A sogra", duas comédias). Mas aos poucos eu fui me afastando e sendo absorvido pelo jornalismo, até que o mesmo Naum Sirotsky, meu chefe, foi convidado para ser o diretor da Manchete. Aí estamos falando de 1956, 1957, algo assim, e ele me levou como repórter para Manchete e foi ótimo porque realmente ali tinha chances de fazer textos maiores, menos frios do que aquele texto da revista pequena, onde você não pode botar estilo, coisa muito mecânica quase, eu achei muito bom, mas logo depois o Naum teve problemas de saúde e ele me pediu para ficar, digamos, como um auxiliar dele, e aí com 25, 26 anos de idade, por aí, eu deixei a reportagem, para ser uma espécie de chefe, e também foi uma coisa muito boa porque eu trabalhei fazendo parceria com um grande jornalista chamado Darwin Brandão, infelizmente já morreu, um jornalista baiano, mas um grande chefe de reportagem e fizemos uma tabelinha muito boa. Ele produzia o material jornalístico e eu fazia a edição. E aí entrou um pouco a minha experiência de cinema, de fazer, de armar uma história graficamente, a Manchete era uma revista muito bonita e foi muito interessante, até que por razões pessoais eu pedi para sair da Manchete e tentei caminhos próprios. Tentei fazer uma revista que não deu certo, até que um dia o Samuel Wainer me telefonou e perguntou se eu não queria trabalhar com ele. Não aceitei na hora, meses depois eu aceitei e fui trabalhar com Samuel Wainer, na Última Hora.

Dines, aproveitando que você mencionou que entra na imprensa no momento que esses jornais e revistas estão aparecendo: Última Hora, Tribuna da Imprensa, Visão, Manchete... queria que você comentasse um pouco esse processo de modernização da imprensa, que começa nos 1950.

Foi um processo. Eu tenho a impressão que em 1952 o Pompeu de Souza começou a fazer a reforma dele do Diário Carioca. Ele tinha viajado para os EUA a convite, aqueles convites que a embaixada americana fazia, não esqueçamos que o Rio de Janeiro era a capital da República, e tinha a imprensa, digamos, mais importante. O Pompeu foi aos EUA, visitou os jornais lá e viu que aqui a produção da matéria jornalística estava errada, a gente escrevia errado, não era errado gramaticalmente, mas construía a matéria erradamente, e ele trouxe o "lead". O "lead" não foi apenas uma forma de armar uma matéria, foi uma forma até de

repensar o jornal. O jornal bem escrito, o jornal elaborado, o jornal até com esses toques que hoje a gente chama de novo jornalismo, "new journalism", isso estava compreendido dentro da essência do que propôs o Pompeu, de fazer uma matéria que tenha um gancho. O "lead" não seria uma coisa apenas mecânica de responder as 5 perguntas, mas de dar um sentido mais literário também. Isso tudo ocorreu em 1952 e a Tribuna da Imprensa surgiu em 1949, mas ela se desenvolveu mesmo em 1950 e trouxe grandes inovações. O Carlos Lacerda, a gente pode até discordar dele ou da sua natureza, e até politicamente, mas foi o primeiro, foi um intelectual extraordinário e amava o jornalismo, ele era um grande jornalista e a Tribuna da Imprensa foi uma grande escola de jornalismo. Passaram pela Tribuna grandes jornalistas, foi uma escola. Então você tem aí a Tribuna, você tem o Samuel Wainer com o jornalismo mais popular, mas muito vibrante, muito investigativo também, e muito, digamos, bombástico, que era o estilo dele, isso na área de jornal, isso vai influenciando, vai transbordando pros outros, e tinha o Correio da Manhã, que era o grande jornal, que se considerava, digamos, o equivalente aos jornais ingleses, mas esses se mantinham, digamos, acima dessas inovações de caráter técnico, eles se achavam tão bons que não precisavam mudar e acabaram desaparecendo logo. E o Jornal do Brasil ainda não tinha feito a sua reforma. A reforma do JB, de 1956, ela é uma continuação do que fez o Diário Carioca. Grande parte dos que fizeram a reforma do JB, eu não estava lá, eu cheguei muito tempo depois, mas Jânio de Freitas, o próprio Lemos, gente que ou veio do Diário Carioca ou da Tribuna, porque o processo é uma bola de neve, não é alguém que cria uma novidade e fica estanque não, uma coisa vai influenciando a outra. E a cidade do Rio de Janeiro culturalmente era muito viva, as coisas ganhavam dimensão de uma forma, que em São Paulo até não é assim, porque em São Paulo são grupos, estanques, tem a coisa meio italiana, das máfias, das máfias no bom sentido, São Paulo é mais fechado. O Rio não, as coisas são boladas e elas vão transbordando e vão se desenvolvendo, e esse momento, eu estou falando 1952 como um ano marco, mas ele começa um pouco antes de 1952 e vai até 1956, com essa reforma do JB que foi uma das mais importantes revoluções, não apenas gráfica, mas jornalística brasileira, da qual eu só participei posteriormente seis anos depois. Mas esse período foi o período de ouro, surgiu a Manchete, já existia a Revista da Semana, surgiu a Visão, que foi a primeira, a Visão, digamos, é a mãe da Veja. A Veja surgiu em 1968, a Visão surgiu em 1952, não era tão boa evidentemente, mas ela já tinha o formato, ela já tinha uma série de normas de redação muito interessante trazidas dos EUA.

E particularmente nas revistas, como foram as mudanças?

A Manchete foi um golpe de audácia do Adolpho Bloch, porque ela veio enfrentar O Cruzeiro, do Assis Chateaubriand. Assis Chateaubriand tinha um império extraordinário. Chateaubriand tinha uma visão imperial do jornalismo. Estou falando dos anos 1930 e 1940 mesmo. Ele montou um império extraordinário, no Brasil inteiro, com grandes jornais, uma agência de notícias, a Meridional, que abastecia todos os seus jornais, e ele tinha O Cruzeiro, a Cigarra... Ele fez d'O Cruzeiro uma grande publicação, no estilo meio misturado, um estilo francês, um pouco das revistas alemães, Stern, e um pouquinho das americanas também, mas não muito, e era uma revista extremamente popular, não apenas no Brasil, mas em Portugal. Eu conheço muita gente em Portugal que lia o Cruzeiro porque a imprensa portuguesa, controlada pelo Salazar, era muito limitada, então se lia muito O Cruzeiro em Portugal. Ia de navio, chegava um pouco tarde, mas era muito lida em Portugal. E o Adolpho Bloch resolveu enfrentar, digamos, essa potência. Foi uma maluquice, ele não tinha nenhuma experiência jornalística, aliás, nunca teve, ele era um gráfico, e achava que podia fazer uma revista bonita, em cores. O Cruzeiro não tinha cores, essa é uma história muito curiosa, cromática. O Cruzeiro era impresso em rotogravura, mas usava aquela tinta meio sépia, um marrom, depois se descobriu que tinha um diretor do Cruzeiro que era dono da fábrica de tintas, então ele impunha, digamos, aquela cor, então ficou uma marca que ninguém ousava mudar, era uma coisa meio marrom que a rotogravura tinha e era feia, em vez de ser preto e branco, e não podia dar cor porque na tinha o preto para combinar com as outras cores e o Adolpho entrou com uma revista com a parte em cor feita em offset. Era um papel diferente e ele realmente começou a chamar atenção, e aí ele começou a abusar da cor, as coisas que eram coloridas ele abusava, mas enchia os olhos do público: moda, papagaios, mulheres bonitas, em cor. O Cruzeiro tinha, mas era ruim por causa da impressão. Ele começou a apostar muito nisso, o Adolpho Bloch, e a revista foi se desenvolvendo e ele ligou-se a um grupo de intelectuais. Quem dirigiu a revista foi o Henrique Pongetti, que era do Globo, e ele convidou muita gente boa para escrever, e a revista foi ganhando uma dimensão, um conteúdo bom. O Cruzeiro tinha um excelente conteúdo, inclusive reportagem muito boa, mas o Pongetti trouxe pra Manchete esse conteúdo. Logo depois o Hélio Fernandes, que é um grande jornalista, assumiu a direção da Manchete por algum tempo e ele fez uma revolução. Precisa-se fazer justiça a ele, foi ele quem fez jornalisticamente a Manchete. Ele fez da Manchete um negócio trepidante, politicamente importante, movimentada, trouxe outros colaboradores, depois ele foi substituído pelo Otto Lara Resende, um outro estilo de jornalismo, mais culto, mais intelectual. O Otto Lara trouxe todo o pessoal de Minas: Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga... toda essa elite maravilhosa

daqueles anos 1950, dos anos dourados mesmo, e a revista então ganhou uma densidade, realmente começou a ficar acima d'O Cruzeiro, embora não tivesse aquela coisa, David Nasser, com aquelas reportagens sensacionalistas e não tivesse um Jean Mazon, mas ela tinha, digamos, um tom culto que O Cruzeiro não tinha e a revista se desenvolveu. O Naum chegou na revista e resolveu fazer uma reforma, porque a revista tinha pouca reportagem, ela era toda de colunas, páginas, então o Rubens tinha uma página, Vinícius tinha uma página, o outro tinha uma página, então quase não tinha reportagem. O Naum resolveu limpar um pouco e fazer tudo isso, pegar esses colaboradores, mas que escrevessem textos que pudessem ser vistos como reportagem, ilustrados, para usar as máquinas e o aparato gráfico da Manchete e essa foi à renovação que o Naum fez e da qual eu participei, porque ele teve que pedir uma licença prolongada e eu e Darwin Brandão o substituímos. E ali a gente fez coisas muito interessantes, inclusive toda a parte do lançamento dos cartunistas, a última página da Manchete era o Borjalo, Mauro Borja Lopes, que depois foi pra TV Globo, e ele ocupava ali, aquele humor dele, uma coisa muito fina, uma coisa muito inteligente, mas ele foi pra Globo E aí o Naum falou: "escolhe um substituto". Mas a gente não podia contratar ninguém d'O Cruzeiro, como Péricles, o Amigo da Onça, que seriam muito caros e pertenciam ao Cruzeiro. Aí eu fiz uma espécie de concurso, e começamos a publicar: Jaguar, Claudius, não me lembro quem mais, que acabaram sendo lançados pela Manchete. O Jaguar começou ali, o Claudius Ceccon também, todos já com um traço muito moderno, então nós fizemos realmente algumas coisas novas. E aí eu quase não fiz reportagem, fiz uma ou duas reportagens, porque eu já estava na operação mesmo, tocando, era eu e o Darwin Brandão, era uma loucura, tendo que justamente, às vezes, que fotografar, tendo que ajudar, e com as dificuldades inerentes, o Adolpho Bloch não era um jornalista, ele queria era foto bonita. Lembro-me que um dia ele brigou comigo, passamos anos sem falar quase, porque eu dei uma fotografia, uma radiofoto do astronauta russo do "Sputnik", e era uma radiofoto, a radiofoto não tinha qualidade e ele: "Como, você vai botar uma foto horrível, sem definição!...", e eu falei: "mas é um momento histórico, o homem foi pro espaço!". Deu uma briga danada, era muito difícil trabalhar com ele porque ele não era um jornalista e não era um homem culto e a contribuição dele foi como gráfico e ponto. Não tem mais nenhuma contribuição na obra que ele deu. Mas mesmo assim foi uma experiência que depois eu usei em outras passagens. Mas eu fui pra Última Hora, convidado pelo Samuel, com uma idéia na cabeça, eu queria fazer, a palavra não era essa na época, eu queria terceirizar, eu propus ao Samuel que eu faria um caderno pra ele. Eu levaria uma equipe e faria um caderno pra ele, um 2º Caderno pra ele. Com isso eu ficaria com liberdade de fazer um caderno pra

ele, um caderno pra um outro, e criar um projeto nosso mesmo. O Samuel aceitou porque ele topava tudo e depois evidentemente ele absorveu tudo. Mas nós fizemos o 2º Caderno da Última Hora, porque a Última Hora na ocasião tinha duas edições, ela nasceu como um vespertino, daí o nome Última Hora, mas o Samuel muito esperto, para ganhar circulação foi cada vez rodando o jornal mais cedo, até que ele quase deixou de ser vespertino pra ser um quase matutino, mas por outro lado ele também precisava fazer um jornal que tivesse cedo na banca, então o que ele fez, ele era muito criativo e... "Não: eu vou fazer duas edições...". Então ele fez uma edição que fechava de noite, como os matutinos, e outra que fechava de manhãzinha para atualizar o que tinha acontecido de noite, a parte de crimes e coisas internacionais também. Aí o Samuel falou: "Olha, você me faz o 2º Caderno da edição matutina, porque ela é nova, ainda não está bem definida...". E eu comecei a fazer com uma equipezinha, inclusive, ele falou: "Olha, você põe aí uma menina que é minha cunhada, muito novinha, eu queria que ela fosse tua secretária, uma espécie de coordenadora...". Eu falei: "é claro". E era a Nara Leão, irmã da Danuza Leão, e ela trabalhou conosco na coordenação. O projetinho ficou bom, bonitinho, e aí ele falou: "Tá bom demais, vamos fazer o seguinte, vamos pegar o seu 2º Caderno, o tablóide, e vamos botá-lo também na edição vespertina...", que era a grande edição deles. Até que um dia ele fala assim: "Olha tá muito bom o 2º Caderno, tá melhor que o 1º, eu quero que você assuma a direção da edição matutina". Aí eu falei, Samuel eu nunca dirigi jornal, eu sei fazer revista, eu sei fazer um 2º Caderno, mas eu nunca, nem trabalhei em jornal, em jornal mesmo eu não tinha trabalhado... "Não, não, mas isso oh, que quê há, que quê há..." e um companheiro meu, o Wilson Figueiredo, até hoje militando na imprensa falou... "Não Dines aceita, aceita que eu te ajudo, eu te ajudo, porque não tem mistério nenhum, em três dia você..." Bom eu aceitei e foi de certa forma um desastre, porque eu trouxe as técnicas de revista, me lembro que a primeira edição que eu fiz tinha uma manobra naval aqui Rio de Janeiro e tinha uma foto linda de um navio de guerra fazendo manobras aqui no litoral mesmo, Copacabana, alguma coisa assim, mas tinha uma foto muito bonita, e eu abri em oito colunas, como se fosse uma revista. E o Samuel passava de noite, ele saía das boates e passava no jornal pra ver rodar, quando viu aquilo falou... "É você está muito revisteiro..." Não deu bronca não, depois ele me deu muitas broncas, dessa primeira vez ele não... "Mas está muita revista...", Eu realmente logo, quando vi impresso, eu percebi logo, isso é revista não é jornal, claro que com um ou dois dias depois eu já estava com jeitão de fazer jornal.

E por aí foi e eu comecei a fazer a edição matutina, que era como se fosse, você trabalhava de noite, fechava o jornal 11 da noite e ia embora, até que um dia ele

tem um idéia maluca, porque ele estava sempre querendo bolar uma coisa mais, aproveitar o que está bom para fazer melhor. Bom, então se você está fazendo um bom jornal matutino e a minha edição principal é a vespertina, mas também não posso deixar a matutina..."Quem sabe você dirige as duas...", Coisa de maluco. Eu tinha vinte e seis anos, tinha um bom físico, bom preparo, aceitei, mas era uma loucura, eu dormia duas vezes por dia. Eu fechava o jornal matutino, digamos 11 h, ia pra casa, ia dormir, acordava de madrugada 4 horas da manhã, eles mandavam o jipe me pegar, eu fechava a edição vespertina, acabava de fechar seis, sete horas da manhã, empurrava o jornal do dia seguinte e ia pra casa dormir outra vez, então eu dormia em dois pedaços do dia, estava recém casado, foi um desastre, até tive que ir ao médico para organizar essa rotina de dormir duas vezes por dia é uma coisa que não faz bem a saúde, e fiquei fazendo isso talvez um ano, uma coisa terrível, até que realmente eu vi que era muito maluco e a própria Última Hora estava com grandes dificuldades, tinha o velho grupo fundador da Última Hora, Paulo Silveira, irmão do Joel Silveira e outros, que era um pessoal mais antigo, eu tinha dificuldades com eles, muito mais velhos que eu, mas de certa forma subordinados a mim, eu tive grandes dificuldades e eu resolvi aceitar uma proposta que veio do Chateaubriand. O Chatô já estava paraplégico, já tinha sofrido o acidente dele, mas ele continuava mandando no jornal. Eu conhecia bem o João Calmon. Calmon um dia me convida, ele estava tentando dar uma reerguida, Wilson Figueiredo assumiu a chefia de redação do O Jornal, que era o grande matutino do Chatô e o Calmon queria que eu desse uma mexida no grande Diário da Noite, que tinha sido um vespertino extraordinário onde tinha trabalhado o Nelson Rodrigues, com aquelas coisas de fascículos dele, da Suzana Flag, era um vespertino popular, de manchetes sensacionalistas e vendia 200 mil exemplares, em 5 edições, só que naquela época estava vendendo 8 mil exemplares. Tinha sido um jornal, depois d'A Noite, porque o grande vespertino carioca foi A Noite, criado pelo pai do Roberto Marinho, Irineu, depois teve o Globo, que o Roberto assumiu, depois teve a Última Hora e no meio teve o Diário da Noite que era um negócio muito sensacionalista e sem nenhuma responsabilidade, fazer manchetes loucas e me entregou um jornal que tinha uma história, mas não tinha um presente. E ele falou..." faz que você quiser, depois disso se não der certo a gente vai fechar o Diário da Noite".. Aí foi bom, já que é assim então vamos mudar tudo inclusive o formato, Aí eu fiz um tablóide, eu converti ele de novo em vespertino, porque ele tinha sido vespertino depois foi antecipando, antecipando até sair de manhã. Vamos fazer dele um jornal da cidade, aí eu já estava teorizando, já tinha experiência jornalística, eu lia muito, o Rio de Janeiro era uma outra cidade, tinha uma livraria inglesa na rua do Ouvidor, você tinha os jornais ingleses, lá se

comprava e eu comprava os tablóides ingleses, muitos bem feitos, muito alegres, eram revistas diárias, eu já estava muito impregnado nesse jornalismo inglês, o jornalismo de cidade, e eu falei “não vamos fazer um tablóide inglês”, o Daily Mirror, por exemplo, que era um jornal, naquela época vendia cinco milhões de exemplares, não, vamos fazer uma coisa assim, vamos ver se a gente consegue sem recursos fazer alguma coisa, pelo menos visualmente parecido e aí eu mudei tudo, mudei o jornal grande virou jornal pequeno, mudei o logotipo, só ficou o nome e mudei o horário, só que a empresa não tinha estrutura, uma coisa é você distribuir o jornal de madrugada, cidade estava vazia, você distribuía aos pontos básicos, outra coisa é você querer fazer um jornal vespertino, você precisa de uma máquina de distribuição fantástica, isso não ocorreu a ninguém, nem a mim, nem ao pessoal da administração que devia estar preocupado com isso, em suma, nós fizemos um jornal muito bonitinho, muito alegre, muito movimentado, tão movimentado que o Lacerda que já era o governador da cidade, não era candidato ao governo, foi um dia nos visitar e falou...“Olha vocês estão fazendo um jornal de primeira categoria, porque ele era um grande jornalista e nós começamos a fazer coisas interessantes e foi no Diário da Noite que nós lançamos uma palavra, um conceito, que está hoje incorporado ao dicionário, que é” a imprensa marrom “. Não sei se vocês conhecem essa história, mas faço questão de contar, existia em inglês a” yellow press “, a imprensa amarela e é uma expressão que até hoje é usada em espanhol” La prensa amarilla “, com adjetivos também e eu que acompanhava a imprensa americana e língua inglesa tinha esse conceito de imprensa amarela. Uma madrugada, o jornal era feito todo de madrugada, ele começava do zero de madrugada, tudo, editoriais, tudo de madrugada, tinha um caso aí de um rapaz que tinha se suicidado e descobriu-se que ele se suicidou porque ele foi chantageado por uma revista de escândalos, que se chamava “Escândalo”. Aliás eram várias revistas, elas não tinha data de sair, elas quando tinham matéria pra fazer, faziam, ela era editada na rua da Relação, pessoal da polícia, era uma barra pesada enorme e aí fizeram uma chantagem com ele, não sei de que maneira e ele se suicidou, ele trabalhava até em cinema. Era um jovem e aí eu me lembro perfeitamente esse episódio, eu estava preparando a primeira página, o tablóide, bem sensacionalista e alguma coisa assim “imprensa amarela mata cineasta”, alguma coisa, essa foi a minha manchete. Como eu estava preparando a manchete e era muito precária, que era com letras de alumínio porque não tinha tipos grandes, era uma coisa muito primitiva, passa por mim o chefe de reportagem meu, um grande jornalista, vivo, hoje mora em São Paulo, chama-se Calazans Fernandes. O Calazans vê aquilo e fala assim...“imprensa amarela????!!!!”... ele fumava um charuto...” imprensa amarela?! “Ele é do Rio

Grande do Norte...” Na minha terra amarela é cor de festa! Amarelo é cor de festa, põe imprensa cor de cocô, marrom!”... , eu falei imprensa marrom, e nós lançamos a manchete, o título principal era” imprensa marrom mata cineasta “. E começamos uma campanha, aí tínhamos um prato pra seguir, começamos a perseguir essas publicações de escândalo, de chantagem e aí o Carlos Lacerda foi eleito governador da Guanabara e ele resolveu dar apoio a nós já determinando que essas revistas fossem fechadas, botou o principal chefe deles na cadeia, eu até tive uma surpresa muito agradável, eu sou freqüentador de sebos e encontrei outro dia um livro escrito pelo principal, o dono dessa empresa de imprensa marrom chamado Fred Daltro, nunca esqueci o nome dele, e ele tinha escrito, eu não conheci na ocasião, mas ele tinha escrito, depois eu verifiquei em 59, isso que eu estou falando já era 60, ele tinha escrito em 59 um livro chamado” Eu fui gangster da imprensa “, com histórias escabrosas da alta sociedade, esse livro saiu e eu já mandei reservar pra mim, na ocasião eu não sabia, mas o negócio dele era chantagem. Ele pegava, fotografava alguém, publicava uma foto, uma ediçãozinha da revista, tomava uma grana, e assim ele ia vivendo.Mas nós conseguimos fechar as revistas todas e botá-lo na cadeia, por um período curto evidentemente, ai fomos ameaçados de morte, tinha guarda-costas nos acompanhando, uma aventura muito interessante, mas até que aconteceu um episódio, meu primeiro acidente de percurso político, eu estava no Diário da Noite e aí houve o primeiro ato, eu não chamaria de terrorismo, mas a primeira ação armada política de grandes proporções. Um grupo de anarquistas, portugueses e espanhóis, aliás mais espanhóis do que portugueses, para chamar a atenção do mundo contra a ditadura do Salazar, resolveu seqüestrar em alto mar um grande transatlântico português chamado Santa Maria. Portugal tinha grandes transatlânticos fazendo a rota da Europa pra América do Sul e naquela época o transporte marítimo era o mais importante, de avião era uma coisa elitista, e esse Santa Maria foi seqüestrado em alto mar, eles tomaram posse do navio e para chamar a atenção do mundo que era um protesto contra a ditadura de Salazar. O navio ficou estacionado perto do Recife, talvez cem quilômetro na costa do Recife, ficou ancorado lá. E o Chateaubriand era grande amigo do Salazar, ele era salazarista. Isso, aliás, o livro do Fernando Moraes passa ao largo disso, mas isso foi uma das coisas desagradáveis, uma das muitas coisas desagradáveis do temperamento do Chateaubriand. Ele era um homem de Direito e um grande apoiador do regime fascista do Salazar. E aí veio uma ordem: “nenhuma linha sobre o seqüestro do Santa Maria”. Aquela altura quando eu recebo essa determinação, graças a esse grande chefe de reportagem, grande jornalista, Calazans Fernandes, nós já estávamos com um repórter dentro do navio, porque ele era do Rio Grande do Norte e ele tinha muitas conexões com a imprensa do

Recife e ele conseguiu um repórter do Recife para pegar um barquinho e ir até o navio seqüestrado e os seqüestradores queriam receber mesmo a imprensa, eles seqüestraram pra isso mesmo, receberam a imprensa, o nosso fotógrafo-repórter lá fez as fotografias todas, voltou com o filme, botou no avião ou mandou por radiofoto, não lembro mais, eu sei que nós estávamos prontos para no dia seguinte dar a 1ª página e a página central era fotográfica, com as fotografias do seqüestro e tinha essa ordem. Aí eu falei...“Não tem conversa, eu vou dar, vou dar porque não vou perder essa coisa extraordinária...” O Jornal não deu ou deu uma coisa pequena e eu abri “Repórteres do DN no transatlântico seqüestrado”, sei lá qual foi a manchete, e eu fui demitido imediatamente, no dia seguinte. E depois eu me lembro eu fui, participei de um programa, já tinha televisão, evidentemente, participei de um programa de televisão com a equipe que seqüestrou o Santa Maria, o capitão Galvão, eram anarquistas, eram anarquistas, daquela velha estirpe de anarquistas, alguns deles eram espanhóis, e essa foi à primeira demissão política da minha carreira. Mas eu, aquela altura o Adolpho Bloch já estava me conversando pra...Ele tinha lançado o número 1, foi uma coincidência, ele tinha lançado a primeira edição de Fatos e Fotos, ele tinha prometido ao Juscelino que assim que criasse a Brasília, ele ia fazer uma revista em Brasília e ele queria fazer uma coisa que não concorresse com a Manchete, evidentemente, aí ele pegou, foi justamente quando o Juscelino entregou o governo para o Jânio Quadros, ele fez uma edição com as sobras, tudo em preto e branco, sem cor, com as sobras da Manchete, ele fez uma edição muito bonita... Juscelino se despedindo da sua criação e ficou muito bonita... quem fez essa edição foi o Justino Martins, um grande jornalista gaúcho, que dirigia a Manchete, mas o número 2 o Adolpho não sabia o que fazer, porque o primeiro número era comemorativo, Brasília, Juscelino deixa... E depois, e aí ele disse...“Dines, vem aqui me ajudar...” e aí eu fui lá e fiz uma revista em preto e branco, em rotogravura, aí sim a rotogravura preta e branca, não a do Cruzeiro que tinha aquela cor marrom sépia. Fizemos uma coisa muito bonita, inspirada nos padrões italianos. A Itália tinha naquela época uma revista muito boa, também em rotogravura, formato grande. E aí eu fiz o número 2 e o Adolpho falou: “olha você vai ficar aqui, você perdeu o emprego e deu um jeito nas revistas, vamos continuar...”

Dines, ainda sobre sua experiência na Última Hora: o jornal teve uma atuação política muito importante na defesa do governo Vargas. Quando Getúlio se suicida, qual se torna o lugar político da Última Hora na imprensa carioca?

Eu não trabalhava lá nesse período, eu cheguei depois, Getúlio se matou em 54, eu cheguei lá em 58, 59. Mas a Última Hora sempre foi de uma coerência absoluta. Samuel Wainer tinha uma linha pessoal, muito definida, muito clara, e ele prosseguiu, sem Getúlio, ele prosseguiu no getulismo, no PTB, no negócio dos trabalhadores, uma linha próxima ao Partido Comunista, mas não oficialmente comunista, mas também não subserviente, digamos ao Kremlin, a Moscou, o Samuel tinha...Ele era um jornalista político, ele vem dessa fase do jornalismo político, definido, muito coerente, ele nunca teve uma vacilação na linha dele. Mudavam as circunstâncias, e depois quando houve o golpe militar ele teve que fugir do Brasil, ele se distanciou, ele foi pro exílio e aí, digamos, ele já não tinha um controle tão grande, mas mesmo assim o jornal mantinha-se com um certo distanciamento do regime militar, não podia fazer o que fazia o Globo ou o que fazia o Jornal do Brasil ou toda imprensa que apoiou o golpe. O Samuel tinha essa coerência, a morte do Getúlio foi uma coisa dramática, mas ele continuou, tanto que o jornal dele, não, não foi atacado, foi atacado em 64... A coerência dele era rigorosa. Agora, Samuel era Samuel, ele tinha suas preferências, então assim, era um jornal popular, mas ele não queria perder o apoio da Light. A Light era a grande concessionária de energia, grandes anunciantes, muito recursos, então ele brigava com todo o mundo, brigava com a Esso, mas não brigava com a Light. Os donos de jornal tinham esse poder de ter que... Inclusive eles tinham que salvar o seu jornal, algumas coisas eles tinham que, às vezes, fechar os olhos. E o Samuel tinha algumas coisas que... Ele não podia ser rigorosamente coerente, porque ele tinha que pensar no faturamento, na matéria paga da Light...Mas ele também não escondia e nas memórias dele ele é muito claro, pena que não se publicou a íntegra, o que o Augusto Nunes publicou foi um resumo. Mas ele diz... Ele teve que receber dinheiro do Getúlio, do Banco do Brasil para fazer a Última Hora, ele admite isso, foi o dinheiro do contribuinte que é ilegal. Mas se não fosse assim ele jamais faria um jornal que veio para se contrapor a grande imprensa. Na verdade foi isso, o Getúlio precisava de um jornal popular, daquela esquerda que o Getúlio representava, que pudesse apoiá-lo porque a grande imprensa não o apoiava, era toda udenista, toda ela, o Correio da Manhã, o Diário de Notícias... A Tribuna da Imprensa era um jornalzinho, tinha uma grande força, tinha uma grande veemência, mas não tinha uma grande circulação. Os grandes matutinos é que davam substância a UDN, era o jornal do Chateaubriand, o Correio da Manhã, o Diário de Notícias, em São Paulo, o Estado de São Paulo. Então o Getúlio precisava de um jornal, de uma imprensa popular, de uma imprensa que o apoiasse e como ele devia um favor ao Samuel, porque foi o Samuel que foi buscá-lo no exílio para lançá-lo como candidato, dele e do Adhemar de Barros e a fórmula deu certo... E o

Getúlio sabia escolher as pessoas e o Samuel era um sedutor extraordinário, ele seduzia qualquer pessoa e realmente foi uma parceria interessante e o Getúlio abriu as portas do Banco do Brasil pra ele e o Samuel comprou o prédio da Última Hora que era do Diário Carioca e fez a Última Hora. E a Última Hora tinha uma edição paulista, tinha uma edição mineira que rodava aqui. Ele comprou a rádio Clube do Rio de Janeiro, que era uma rádio boa...Porque o Samuel também queria fazer também o seu império. Claro, se o Chateaubriand tinha feito isso, o Samuel também queria fazer e os apoios do Samuel eram em geral os apoios oficiais. Ele conta, ele admite isso, não tinha outro jeito, se ele não fizesse isso não chegaria a fazer o que ele fez. E ele fez uma revolução no jornalismo brasileiro.

Da sua época na Última Hora, o quanto pesava na direção do jornal a presença de figuras importantes como Octavio Malta, Moacir Werneck de Castro, que tinham uma formação comunista, uma militância comunista? Essas pessoas são importantes no jornal naquele momento, não são? Quem formulava a linha política do jornal, além do Samuel?

Olha, naquele período especialmente, o Octavio Malta, o Paulo Silveira que era muito importante, o Paulo Silveira era até mais ortodoxamente comunista do que o Malta, o Moacir também, e tinha o Luís Costa também, era um grupinho egresso da primeira fase muito de esquerda. Mas eles já estavam um pouco cansados, o Samuel era muito exigente, ele sugava muito as pessoas, ele pega um garoto de 26 anos e quase destrói fisicamente, e ele fazia isso habitualmente, as pessoas estavam um pouco cansadas, então cada um tinha o seu cantinho, o Malta tinha aquela coluna em que ele comentava a imprensa, comentava a imprensa não só como crítica à mídia, mas era mais uma crítica política à imprensa. Tinha o Malta, sua coluna, o Luís Costa tinha o negócio do Dia do Presidente e mais outras coisas que ele fazia, cada um tinha lá a sua coluna e com isso se ocupavam. O Paulo Silveira fazia a crítica do jornal e o Samuel estruturou o jornal de uma forma que eu diria "científica". As pessoas que faziam o jornal sabiam que tinha que ter todo dia uma manchete de interesse trabalhista. Era obrigatório. Ou era a manchete principal ou era a segunda manchete, tinha que ter uma manchete sobre a cidade, a política da cidade. Ele fez um "mix", como se diz hoje, muito claro, e não tinha como errar, você tinha que ter todo dia uma matéria trabalhista, uma matéria sobre o funcionalismo, você tinha que ter uma matéria de cidade.

E depois tinha os alvos habituais dele, ele não gostava do Sá Freire Alvim, que era o prefeito da cidade, então tinha que ter uma pancada em cima do Sá Freire. Tinha que ter uma matéria de polícia obrigatória, porque era um jornal popular, de

origem vespertina. Tinha que ter uma mulher bonita. Foi assim que surgiu o "Lalau" [Stanislaw Ponte Preta, pseudônimo de Sergio Porto], que fornecia para ele as mulheres de pernas de fora que eram "As certinhas do Lalau". Então ele estruturou esse jornal de uma forma absolutamente científica, eu diria. Eu não tinha dificuldade em seguir o padrão dele. Claro que você não iria fazer um jornal de direita, aí não dava, mas se você obedecesse a esse mix, essa fórmula dele e sabendo que tipo de público e de expectativa que ele queria atender, você tinha um jornal. Tanto que o Malta raramente chegava e dizia "olha você puxou pra cá...". Não tinha como errar. Esse grupo ficou velho demais, ficou velho muito cedo e justamente ficou um pouco cansado porque eles já vinham do Estado Novo, já vinham de todo o sofrimento, do exílio, é gente que já estava um pouco cansada, e um pouco, digamos sugada pelo esquema delirante do Samuel. E eu tive dificuldades com eles porque eu era mais jovem, não porque não tinha nada de ideológico, porque eu obedecia ao esquemão do Samuel e não tinha o que errar. Eles eram céticos, cínicos, eles não gostavam do novo jornalismo, essa coisa que, digamos, de certa forma, eu estava representando. A coisa que me deixou chateado, no fundo, e foi então que eu saí, foi o seguinte: trabalhavam comigo mais três rapazes de origem judaica, por coincidência. Mas, numa redação de 40 pessoas, esse pessoal começou a me gozar: "Ah, o gabinete Tel-aviv...". E saía notinha no Diário Carioca porque um dos participantes desse grupo era o Permínio Ásfora, que tinha uma coluna no Diário Carioca, e de vez em quando saía: "o gabinete Tel-aviv da Última Hora". Isso me deixou muito chateado, primeiro porque eu não estava envolvido com política, o Oriente Médio não era assunto naquela época, nem eu estava envolvido com isso, mas tinha um ranço realmente reacionário e anti-semita de intolerância, isso me chateou muito porque eu pensei que estava tudo bem, eu estava lá, estava fazendo o meu trabalho, não atrapalhava eles... Eles não queriam renovação, eles não eram pessoas da renovação. O mais sensível, com quem eu tinha um diálogo muito interessante, era o Luís Costa, maranhense, um grande jornalista, ele que criou a coluna O Dia do Presidente. De vez em quando ele sentava comigo para conversar, mais velho que eu evidentemente, aprendi muita coisa com ele.

Então, com essas piadinhas do "gabinete Tel-Aviv", eu percebi que havia essa resistência... Naquela época todo o pessoal da linha Moscou tinha uma certa visão que a gente poderia chamar de meio anti-semita.

Você vai então para o Diário da Noite. Como era a "imprensa marrom" daquele tempo? Como era a cobertura de polícia?

Total. A gente dava cobertura absoluta. Não só nós, mas os vespertinos todos. Você tinha o setorista de polícia, ele de noite percorria as delegacias por telefone e às vezes ia lá porque tinha as fontes. O delegado de plantão também telefonava: "Olha, tem um crime bárbaro...". Isso funcionava. Os setoristas funcionavam muito, eles eram pessoas que ganhavam pelo jornal, mas também tinham lá os seus esquemas junto às suas fontes. Por exemplo, os setoristas de hospital às vezes eram pessoas que trabalhavam no hospital. "Olha, entraram 52 pessoas feridas numa colisão de trem". Isso era informado rapidamente e corria pra lá, o esquema funcionava porque você tinha o setorista. Veja: não tinha Internet, você tinha um setorista rápido, tinha também os telefonistas do jornal, que eram peças fundamentais, e você tinha o motorista do jipe do jornal, que era um verdadeiro repórter. Noutra dia eu estava falando sobre isso, sobre os motoristas do JB, eles eram jornalistas, eles sabiam pra onde chegar lá, o melhor caminho, era uma coisa que hoje não existe mais. Hoje existe a Internet, mas a Internet, a tecnologia, matou um pouco esse espírito da rapidez, da velocidade, as pessoas confiam na velocidade do equipamento, não na sua velocidade. E você tinha esses serviços auxiliares que eram importantes: as telefonistas de redação eram peças importantíssimas, de achar a pessoa, achar o chefe que estava na boate que ele freqüentava, tinha que achar ele de madrugada, era uma coisa extraordinária, a telefonista, o motorista de reportagem e os setoristas que funcionavam muito avisando: "olha aconteceu isso, aconteceu aquilo". A cobertura de polícia que vem da imprensa vespertina do Rio de Janeiro era muito boa, em todos os jornais. O Diário da Noite, que tinha sido um grande jornal popular - vender 200 mil exemplares não era brincadeira - tinha também a sua máquina de setoristas. Podia trocar o diretor, mas o setorista era o mesmo, a máquina de informação estava ali montada, funcionando. O Antonio Maria, o grande compositor, ele inventou uma coisa, não sei se foi na Última Hora ou no próprio Diário da Noite. Ele freqüentava aquela delegacia da Hilário de Gouveia, que é a 12ª, e ele como estava ali no buxixo da boemia, ele passava lá e ele fazia umas crônicas de um jornalismo que hoje seria um "new journalism" mesmo, ele pegava uma historinha ali e já escrevia, claro que ele não escrevia para sair no dia seguinte, saía no outro dia, mas a tradição do jornalismo policial carioca era muito grande. São Paulo não tinha muito isso não, a imprensa carioca é que impunha os padrões todos. A imprensa paulista podia ser até mais rica, mas não tinha os padrões do Rio de Janeiro. Não é bairrismo meu, é uma realidade que depois mudou. A partir dos anos 60 começamos a ter em São Paulo um jornalismo muito mais eficaz e organizado do que o nosso.

Dines, a violência do Rio de Janeiro era diferente? O que eram os crimes da época?

Completamente, não era essa violência. Eram crimes passionais, muitas drogas, tinha droga e outras coisas... A favela virou ao que é hoje nos anos 80. Infelizmente foi o Brizola, com a melhor das intenções, quando ele disse...“Não, a polícia não sobe na favela...”. Querendo proteger a favela, na realidade ele criou um gueto de criminalidade. Foi um erro que depois outros prefeitos tentaram mudar um pouco, mas aí já era tarde, porque o próprio narcotráfico se desenvolveu. Na favela de antigamente, no máximo o que havia era contravenção, era o jogo do bicho. E o jogo do bicho era mais inocente, ele tinha uma certa inocência, ele não era barra pesada como é o narcotráfico hoje, era crime organizado, podemos dizer assim, mas não tinha essa violência. Então você tinha outro padrão, tinha muito acidente também, as pessoas dirigiam loucamente, e mais desastre de trem, desastre de barca... Eram coisas que estavam dentro da nossa realidade. Tenho certeza que eu não estou romantizando o passado, mas esse padrão de violência não tinha, tinha a violência normal de uma grande cidade.

Mas havia aqueles crimes que mobilizavam a cidade.

Ah, sim! E que a imprensa explorava: o caso Aída Curi, o caso do Tenente Bandeira. Você teve aí crimes que realmente ficaram anos ocupando a imprensa. Eu me lembro, no Diário da Noite, quando eu cheguei, eu estou falando dos anos 60, eu ainda peguei ainda um pouco do caso Aída Curi. O caso Aída Curi era uma indústria que o Davi Nasser administrava. E aí veio a ordem de não tocar no assunto, diante dessa tentativa que nós fizemos de retomar o caso. Mas tinha coberturas de crimes que demoravam anos, como o do Tenente Bandeira, do Sacopã, e teve outros casos também que não se esclareciam e a imprensa volta e meia estava retomando isso e fazendo séries e mais séries e grandes jornalistas se dedicaram, parte de suas vidas, a essas coberturas. O jornalismo policial foi um jornalismo muito importante, foi uma grande escola, de rapidez de apuração. E tinha técnicas de apuração: a primeira coisa que você tem que fazer, se você tem um cadáver, é roubar o livro de telefones dele, a agenda de telefones, para depois você começar, sozinho, a procurar os parentes e as conexões, cúmplices... Então você tinha um jornalismo mais investigativo, porque o jornalista chegava às vezes à cena do crime, ou do acidente, ou do desastre, com muita velocidade, justamente graças a essas coisas da infraestrutura de uma cidade que era menor, evidentemente a cidade era muito menor do que é hoje. O trânsito fluía mais

facilmente, então era mais fácil chegar depressa ao local da notícia mesmo, a famosa cena do crime. Depois, a mudança de gerações nas redações também foi uma coisa que, não houve no Rio de Janeiro um corte brusco, como aconteceu em São Paulo mais recentemente, as redações foram mudando, como esse caso da Última Hora, eu percebi, jovem como eu era, verde ainda, que realmente era a velha geração que estava com um pé atrás com a chegada dos novos, mas essa passagem se fazia com certa naturalidade, então, o jornal continuava organizado naqueles padrões antigos, quer dizer, aquilo que era bom era conservado, e os novos talentos vinham movimentar isso, vinham aprender também, então tinha um processo de renovação que eu vejo, pelo menos hoje eu vejo isso como uma coisa muito positiva, sem os, vamos chamar, cortes epistemológicos, sai uma geração entra uma nova. Isso houve, na Folha de São Paulo, no início dos anos 80, como, quando a ditadura já estava agonizando, na época da distensão, você tem isso muito claramente. Entra um grupo novo, isso era impensado antigamente, as gerações se sucediam e se entrosavam. Isso é muito importante. E hoje eu acho que a grande deficiência das redações é que elas são mais ou menos equalizadas em matéria de idade. O chefe tem 25 anos e o subordinado tem 23, mas são da mesma geração e você alijou uma geração de jornalistas que podiam estar ajudando. Ontem eu vi uma legenda num jornal de São Paulo, no 2º Caderno do Estado de São Paulo, uma legenda de uma foto, uma foto espetacular, uma foto onde estão juntos, de terno e gravata, Vinícius, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Carlinhos de Oliveira, enfim, a fina flor dos grandes cronistas cariocas, e, deitado, acho que o Chico Buarque, mas muito novinho, tanto que eu não o reconheci direito. Muito bem, eles não conseguiram fazer uma legenda identificando as pessoas, claro que não conseguiram, provavelmente a foto foi feita nos anos 50, todo mundo muito, o Vinícius ainda jovenzinho, magro, não estava estufado, então, o Carlinhos de Oliveira, que depois passou a ter barba, aqui ele estava de terno e gravata, em suma, ninguém era capaz de dizer na redação, "esse é esse"...Mas não é a primeira vez que eu vejo isso, é freqüente, você pega uma foto política, de repente, uma foto qualquer, sei lá, da morte do Getúlio, quem vai assumir, Café Filho era o vice, duvido que numa redação hoje, brasileira, que alguém consiga pegar uma foto e dizer: "esse é o Café Filho". Porque, você tem aí a referência da foto, às vezes, ela foi publicada sem legenda, e você não sabe quem é a pessoa que está ali...Olha eu estou pegando essa coisa da legenda como uma coisa mais chamativa, mas você não tem as referências. Ontem eu comentei com o Carlos Lemos, ele também trabalha na TV Brasil, eu estava chegando de São Paulo para fazer o programa e encontro o Carlos Lemos e eu estava comentando com ele as manchetes dos jornais, o grande debate financeiro do mundo inteiro e

as referências que os jornais deram em manchete: “uma queda igual ou maior ao 11 de setembro”. Ora o 11 de setembro teve uma queda na Bolsa, mas que não foi causal, ele foi conseqüência de um ato terrorista. A grande referência hoje, se você quiser comparar com quebras, você tem que comparar com o “crack de 29”. Agora, as pessoas não sabem o que aconteceu em 1929, não sabe as conseqüências de 1929. Eu nasci 3 anos depois e depois é que eu vim conhecer o assunto, mas a minha referência é o “crack” da Bolsa de 1929, que mudou o mundo, que gerou a II Guerra Mundial, em última análise, que levou ao poder o Roosevelt nos EUA, com as suas idéias progressistas. Essa é a referência, mas o jornalista de hoje tem como referência o 11 de setembro, houve uma queda na Bolsa e essa é a referência, não é causal, é uma conseqüência. Eu não estou defendendo encher a redação de velhinhos da minha idade, mas eu acho que tinha que ter um equilíbrio etário nas redações muito importante, porque a sociedade, ela é equilibrada etariamente, você tem os jovens, você tem os de meia-idade e você tem a terceira idade. Assim é a sociedade, a redação tinha que ser assim. Quando eu cheguei na Visão, eu uso isso com muita referência, eu tinha 20, eu tinha exatamente 20 anos, eu era o mais novo, agora o Naum tinha 10 anos a mais do que eu, o chefe do Naum devia ter cinco anos a mais do que ele e aí chegava ao Luís Jardim, que era o redator-chefe da revista, um pernambucano, um contista, uma figura extraordinária, que era, digamos, bem mais velho, devia ter uns 50 anos na ocasião. Então você compunha um quadro etário muito interessante e as pessoas querendo ensinar aos mais novos. Lembro-me que um dos meus primeiros textos que bateu na mesa do Luís Jardim, o redator-chefe da Visão, quando eu o vi revendo o meu texto, o texto era datilografado por uma datilógrafa em papel de lauda especial, e eu de longe vi que ele estava trabalhando o meu texto... “Hum, vou perder este emprego que conquistei agora...” E ele corrigindo, quando terminou ele falou: “olha, seu texto é muito bom”. Mas estava todo corrigido, porque a sua obrigação era pegar um texto de um jovem que estava começando a sua primeira matéria, corrigir e mostrar a ele: “Olha, corriji isso, eu fiz isso...”. Essa passagem de experiência não existe hoje nas redações. E é por isso que o jornalismo avança em algumas coisas, mas em qualidade ele decresce, porque falta a transferência de experiência. Isso só se faz pessoalmente. As redações hoje estão muito esvaziadas, elas deixaram de ser um centro de vida, as pessoas quase não vão à redação e nas redações você não tem, digamos, esse conjunto harmônico que é uma sociedade, onde tem gente de todas as tendências e experiências.

Você disse que o jornalismo paulistano começa a ganhar força na virada dos anos 50 para os anos 60. A que você atribui isso? A mudança da capital federal, do Rio de Janeiro para Brasília, teve algum papel de importância nisso?

Claro que teve, mas isso também não ocorre da noite pro dia, na história a periodização é fictícia, essa coisa de "50 anos da bossa nova", não são 50 anos da bossa nova... A "bossa nova" da UDN é anterior à bossa nova da música. Então, a periodização é uma tentativa de organizar. As coisas não ocorrem cronometradas na história, mas são processos com muitas influências que se desdobram em diferentes esferas. Você tem primeiro a industrialização de São Paulo, que começa nos anos 50, e isso traz dinheiro e traz cultura, cultura é notícia, de repente o Rio de Janeiro, que era a capital teatral do Brasil, você teve que descer em São Paulo, aonde todo o pessoal do Rio vai pra lá, Sérgio Cardoso que era grande figura do teatro, de repente está lá, Tônia Carrero está lá. Todos os atores e atrizes importantes, Fernanda Montenegro mais tarde vai pra lá, em suma, onde há dinheiro você tem uma atração de talentos e a coisa vai se processando assim. Quando eu digo que o jornalismo paulistano não era tão bom quanto o carioca, eu não estou dizendo que ele era ruim, ele tinha grandes jornalistas, O Estado de São Paulo era um grande jornal, muito na linha dos jornais argentinos, como La Nación, que já vinham do século XIX, que já tinham relações com o New York Times, que já tinham relações com a imprensa inglesa, com o London Times. Havia uma aristocracia jornalística mundial do qual alguns jornais latino-americanos participavam, sobretudo os argentinos. E O Estado de São Paulo representava um pouco essa tradição: um jornal mais antigo, com compromissos públicos, reparem que o Júlio Mesquita, ele foi um dos criadores da USP em 1936 e o jornal, durante muitos anos foi um grande sustentáculo da USP. Era um causa pública que o jornal abraçava. No Rio de Janeiro você não teve isso: os jornais cobriam cultura, universidade, mas você não tinha, digamos, esse desprendimento, esse espírito público que alguns jornais de São Paulo tinham. Então você tem altos e baixos, só que o Rio sendo a capital e sofrendo uma grande influência até do exterior, ele desenvolveu um jornalismo muito mais ágil, muito mais vivo do que o jornalismo paulista e você têm alguns jornais de São Paulo que a primeira página só tinha notícias da capital, eram notícias políticas, vinham da capital. Tem uma figura que provavelmente vocês já ouviram, o Villas-Boas Corrêa, ele era o chefe da sucursal do Estadão aqui no Rio, que era a capital e o noticiário político vinha todo daqui pra lá, a política paulista e também paulistana era paroquial, o principal vinha daqui do Rio. Senado, a presidência da República, a Câmara dos Deputados que tinha uma efervescência extraordinária, tudo isso fazia do Rio um grande centro de irradiação

político-jornalística e São Paulo ficava um pouco a reboque disso, mas se desenvolveu. Agora, nos anos 60, aí você tem uma virada já bem definida, quer dizer o Estadão resolve fazer um jornal mais vivo, que é o Jornal da Tarde, que foi uma revolução, influência do Jornal do Brasil. O Murilo Felisberto, que infelizmente morreu muito prematuramente, foi quem fez essa passagem JB pro Jornal da Tarde. E você tem a Editora Abril, que já nos anos 50 editava suas revistas femininas e as suas revistas infantis, mas nos anos 60 eles começam a fazer revistas de jornalismo adulto: Quatro Rodas, Claudia... Isso começa a mudar o panorama e o revistismo carioca começa a desabar nesse momento. O que você tinha de revistas no Rio de Janeiro começa a se esfacelar a partir do fortalecimento da Editora Abril que, ainda não tinha a Veja, mas logo depois cria a Realidade, e em 68 cria a Veja e cria uma série de outros produtos extraordinários. Deu a São Paulo uma escola de jornalismo de revista que fez a diferença. Hoje você tem pouca gente no Rio de Janeiro experimentada no jornalismo de revista, isso é ruim, porque o Rio de Janeiro tem uma vocação nacional, a revista é um veículo nacional, mas não temos veículos nacionais editados aqui no Rio.

Como surge o convite pra você ir para o JB?

Eu já estava trabalhando na revista Fatos e Fotos, plenamente integrado nessa atividade, fazendo apenas isso, a não ser quando o Justino Martins, que era o diretor da Manchete, viajava. Ele viajava acho que duas vezes por ano, e aí ele queria que eu o substituísse, porque eu tinha uma relação com ele já de tempos, quando eu trabalhava na Manchete e ele era correspondente em Paris. Então nessas viagens dele eu acumulava, eu fazia a Manchete e fazia a Fatos e Fotos, o que era um pouquinho complicado. Eu não lembro exatamente quando eu conheci o Manoel Francisco do Nascimento Brito, que era o "Publisher" do jornal, genro da Condessa Pereira Carneiro, que era a proprietária da empresa, herdeira do Conde Pereira Carneiro, mas eu sei que um dia eu recebo um telefonema dele perguntando se eu podia passar lá pra gente conversar... A gente se conheceu, eu tenho impressão que foi até numa viagem aos EUA, eu não consigo precisar exatamente quando, eu tenho impressão que a gente viajou num grupo que foi aos EUA e a gente se conheceu lá... E ele me telefonou, muito gentil e eu fui lá conversar com ele e ele me convida para dirigir o jornal. Isso foi em fins de 1961 e eu comecei no Jornal do Brasil no dia 6 de janeiro de 1962, portanto foi no fim de dezembro ou meados de dezembro de 1961. E como era habitual naquela época, hoje isso seria impensável, nem ele exigiu que eu fosse exclusivo do Jornal do Brasil e nem passou pela minha cabeça. Primeiro porque eu tinha

responsabilidades, eu tinha criado Fatos e Fotos e gostava desse gênero, o jornalismo rápido, muito ilustrado, mas com boas legendas, bons títulos, textos curtos, bem informativos e divertidos. Eu tinha responsabilidade com uma coisa que, se eu não tinha criado, eu tinha desenvolvido. Então não me passou pela cabeça que eu ia ser "full time" no Jornal do Brasil, não era hábito, poucos jornalistas eram exclusivos naquela época. Temos casos aí, o Otto Lara trabalhava para três jornais matutinos, o Villas-Boas Corrêa, que Deus o conserve sempre assim, lúcido e ativo, ele contou num programa que trabalhava em três ou quatro jornais simultaneamente. Ele não fazia cópias das matérias, ele fazia para cada jornal uma matéria diferente, o que era um trabalho insano. Então eu aceitei o convite e sabia não ia ser fácil. O Jornal do Brasil tinha, em 1956, feito aquela reforma extraordinária, foi realmente uma das reformas gráficas e também editoriais mais importantes do Brasil, até hoje ela deixa marcas na imprensa e eu acompanhei como leitor e como amigo de muitos que estavam lá e foi uma reforma extraordinária, mas houve problemas depois, como em toda revolução você tem certas cisões, certas divergências e a própria direção do jornal – e quando eu falo direção do JB, eu falo do próprio Nascimento Brito – deixou de endossar aquela reforma, de uma forma errada, porque quando você mexe num jornal, você tem que manter essa mexida para dar continuidade, se não incomoda o leitor e o Brito quando me chamou me disse assim "olha eu quero mudar tudo, eu quero voltar aos fios". Os jovens jornalistas não sabem o que são os fios de paginação: as colunas do jornal eram separadas por um fio fino, uns filetes como se chamava... A grande reforma do Jornal do Brasil, no sentido gráfico, foi tirar esses fios e deixar as separações em branco... o Jornal do Brasil introduziu o branco, que foi uma coisa extraordinária, que valorizou o preto, valorizou a mancha tipográfica, foi uma coisa muito inteligente, elogiadíssima no resto do mundo, mas o Brito quando me chamou disse: "Não, eu quero que você recoloque os fios e o jornal fique parecido com o que era antigamente". Eu achei isso meio complicado, e falei: "Olha, eu vou estudar, eu tenho que pensar nisso, mas de qualquer forma combinamos que eu começaria lá no início de janeiro, portanto foi dia 6 de janeiro, eu cheguei lá, se não me engano era uma segunda-feira, eu não gostava de, um pouco de superstição, de começar uma coisa na segunda. E foi exatamente isso, eu cheguei lá na segunda, mas a primeira edição foi na terça-feira e aí na véspera eu cheguei lá e o Brito me falou: "olha amanhã eu quero um jornal diferente" e eu falei: "Brito, um jornal diferente a gente vai ter daqui a alguns anos". Porque embora eu fosse muito jovem naquela época - eu ia completar 30 anos em fevereiro - eu achava que um jornal, qualquer produto jornalístico impresso, ele não pode ser mexido, ele não pode ser alterado, o leitor quer se encontrar, ele tem um ritual, uma rotina, que

tem que ser respeitada, porque se ele se perder, se ele se sentir desorientado, ele não vai gostar do jornal. O jornal é um canto de sossego, ele sabe aonde vai encontrar as coisas, ele se sente à vontade para buscar aquilo que lhe interessa. Naquela época eu já tinha intuitivamente essa noção de que não se mexe impunemente num jornal. Falei: "Não, Brito, a gente vai ter um jornal diferente, você quer os fios, talvez eu ponha alguma coisa, vamos ver, e vou fazer uma manchete". Porque o que eu não gostava no Jornal do Brasil é que o ele não tinha manchete. Tinha dias que não tinha nenhuma manchete. Tinha um título forte aqui, tinha um título diferente ali, mas o jornal não conseguia hierarquizar o seu noticiário e eu achava que isso era ruim. O jornal diário precisa ter uma hierarquia gráfica para dizer ao leitor que isso é mais importante que aquilo. Então a manchete é indispensável. Evidentemente que eu exagerei, mas eu acho que eu estava certo... "Não, nós vamos fazer uma manchete de 8 colunas, depois segue embaixo os títulos menores....". E foi isso que eu fiz. A única diferença que eu fiz no dia seguinte, edição de 7 de janeiro foi que eu botei uma manchete de 8 colunas e separei o logotipo do jornal, que ficava solto na página, por um fiozinho fininho. Só para separar o logotipo do resto do jornal. E disse pra ele... "Você vai ter um jornal diferente daqui a alguns anos". Depois eu escrevi um artigo, 30 anos depois, quando o jornal fez o seu centenário, em 1991, convidado pelo jornal para falar sobre a minha passagem no Jornal do Brasil. O artigo se chamava "Os fios do tempo". Bem, eu fiquei no jornal 11 anos e 11 meses, foi uma experiência extraordinária. A não ser na parte política, onde eu não tinha nenhuma interferência, de resto eu tinha liberdade pra tudo e nós demos passos importantíssimos, alguns muito visíveis, outros internos, da sistemática do jornal, que ficaram até hoje. Primeiro eu mudei a metodologia interna, nós passamos a fazer o jornal mais cedo, o jornal passou a ser planejado, isso não era habitual na imprensa. Então passamos a ter uma reunião, que hoje se chama reunião de pauta, mas é a reunião do jornal do dia seguinte em que a gente planejava o jornal, pelo menos discutia como é que o jornal ia ser fechado naquela noite, coisa que era impensado, até então, o jornal era feito uma certa hora, o que tem aí a gente faz, desenha...Não, aqui o jornal já começou a ser planejado. A pauta já existia, naquele momento era feita pelo Armando Nogueira, que era uma peça literária, pena, não sei se ele guardou, era um calhamaço que ele ia escrevendo, não apenas colocando o que tinha que ser coberto, mas ele dando a sua visão a respeito do fato, como é que o fato deveria ser tratado, era realmente uma coisa muito interessante, porque ele pegava a notícia que o jornal deveria produzir e já colocava a angulação, o seu desdobramento, era muito bom, um calhamaço, impresso em mimeógrafo, porque logo, imediatamente, tinha que ser distribuído

pra todos os setores, ele chegava lá extremamente cedo, o Armando, às 7 da manhã, algo assim, já tendo lido os jornais, e fazia essa pauta. Mais tarde ele foi pra Globo, e outros fizeram, o Gabeira foi um dos que fez também e depois tivemos outros. A pauta também tinha seus defeitos, hoje a gente pode discutir, ela era rígida, ela impedia, digamos. Um pouco a criatividade do momento, ela amarrava, de certa forma, mas como todos os avanços a gente vê que ela tinha seus defeitos e nós depois, eu ainda estava no Jornal do Brasil, já começamos a discutir como acabar com a pauta e havia várias experiências, inclusive brasileira naquela ocasião que a gente discutiu, em que o repórter que está acompanhando o caso, ele fazia a pauta pro dia seguinte porque ele conhecia como é que aquilo ia se desdobrar, o repórter ou editor, então nós ao mesmo tempo que valorizamos a pauta, que já tinha sido implantada no Jornal do Brasil antes da minha chegada, em determinado momento vimos que ela precisava ser flexibilizada porque ela tinha se tornado um pouco rígida, um fim em si mesmo. O sujeito fazia a pauta pra ele e não que ela fosse um instrumento, uma ferramenta útil pra feitura do jornal. Mas foi um período em que realmente nós produzimos coisas importantes, não só a reunião de pauta, mas também criamos editorias, aliás, o conceito de editoria não existia, você tinha o secretário de redação, você tinha o chefe de reportagem, você tinha o editor internacional e estamos conversados, o editor de esporte, evidentemente e não tinha muito mais cargos. Eu nunca tinha feito e não fiz nunca, um curso de organização de empresas... Mas eu tinha uma inclinação para isso, um pouco pelo meu pai, que tinha feito, ainda na Europa, curso de secretariado, de organização, de contabilidade, ele era um grande operador, isso em termos daquela época, eu aprendi um pouco dele, de organizar as coisas, e eu cheguei na redação e achei que realmente o jornal precisava ser mais bem organizado e criamos as editorias, o que era nos outros jornais o departamento fotográfico passou a ser a Editoria de Fotografia, o chefe do departamento era o editor, ele já trazia parte do material escolhido, ele sabia qual era a boa foto que o seu fotógrafo tinha feito, em suma, tinha mais participação de baixo pra cima e fomos criando também outras editorias, sendo que a mais importante foi a de Pesquisa. O primeiro editor de Pesquisa foi um jornalista maranhense que estava no jornal desde ainda da reforma de 1956, a reforma foi feita pelo Odylo Costa Filho, quer dizer ele era o maestro, foi o Jânio de Freitas, foi o Carlos Lemos, uma série de jornalistas que operaram a reforma, mas o Odylo Costa Filho era o redator chefe do jornal e maranhense e ele trouxe para o jornal alguns jornalistas maranhenses de altíssimo nível, um deles era o Nonato Masson, isso era um pseudônimo dele, eu não sei exatamente qual era o nome dele, já esqueci, mas era o nome com o qual ele ficou conhecido e ele era um rato de biblioteca, ele lia, ele fuxicava, ele sabia, e eu botei ele para organizar

justamente, dada a sua inclinação de historiador, ele inclusive tinha, no Caderno B, não chegava a ser uma coluna, mas ele fazia matérias históricas, e já que ele tinha essa inclinação, resolvi botar ele para organizar, e aí começamos, criamos uma biblioteca básica, não apenas de dicionários que era o usual, mas as famosas efemérides brasileiras e fomos comprando uma série de livros de referência porque não era usual o jornal ter uma base de dados. O repórter tinha que se virar, ou ele sabia as coisas ou ele ia buscar, mas o jornal não oferecia essa infra-estrutura e o Masson começou a organizar. Depois ele começou a fazer outras coisas e vieram outros editores de Pesquisa, sendo que o que deu uma grande contribuição foi o Gabeira, que já tinha trabalhado comigo como repórter no Diário da Noite, juvenzinho, vindo de Juiz de Fora, entusiasmado com jornalismo, era capaz de você ficar na esquina com ele conversando uma hora sobre jornalismo, mas conversando sobre técnicas, o que está sendo feito na Inglaterra ou na França que era, digamos, uma grande escola, ele amava, o Gabeira então assumiu o Departamento de Pesquisa e foi trazendo, isso é muito importante, foi trazendo para o Departamento um bando de jornalistas, quase todos mineiros, de altíssimo nível... Inclusive um chamado Murilo Felisberto, mineiro que, acho que já tinha ido pra São Paulo e voltado pro Rio, ou não sei se foi pra São Paulo depois de sair do Jornal do Brasil. O Murilo Felisberto foi o jornalista que praticamente criou o Jornal da Tarde e uma série de iniciativas, um jornalista de uma criatividade, de uma inventividade, de um talento... Infelizmente morreu prematuramente. Uma figura extraordinária que a gente poderia falar horas sobre ele. Cultíssimo, delicadíssimo, uma figura, quase um sacerdote do jornalismo. E toda essa gente estava trabalhando no Departamento de Pesquisa. O Departamento de Pesquisa tornou-se o que os americanos chamam hoje de "thinktank", depósito de pensamento, isso era o Jornal do Brasil. Adauto Novaes, hoje filósofo, por exemplo. Eu não conseguiria me lembrar de todos os nomes que estiveram no Departamento de Pesquisa e deram grandes contribuições e com isso o Departamento de Pesquisa tornou-se realmente uma marca. Só que ele não era apenas um fornecedor de informações para a reportagem, ele produzia também matérias, muitas matérias com a chancela Departamento de Pesquisa, que se tornou uma marca famosa. Quando saía uma matéria com a chancela Departamento de Pesquisa, sabia-se que era uma coisa profunda, era importante isso, muito importante porque o jornal diário como mídia, ele precisava se aprofundar porque a televisão estava tomando o seu lugar, então o jornal só podia sobreviver se ele fosse denso, fosse profundo, analítico, se ele oferecesse uma dimensão que o jornalismo de rádio, de televisão, jamais poderiam oferecer e nós apostamos muito nisso. E eu, infelizmente, quer dizer, eu guardei isso, mas não trouxe e sei onde está na minha casa, mas eu precisava um dia

talvez até republicar...Quando a TV Globo surgiu em 1965, eu me lembro que na semana que ela começou a funcionar eu fiz um memorando interno, de umas dez páginas, dizendo o seguinte...a televisão no Brasil existe desde 1950, mas com o Chateaubriand, com aquela confusão dos Diários Associados, realmente ela passou a ser um rival do jornalismo impresso mas não ameaçava, porque o Diários Associados era aquela bagunça, aquela confusão, aquelas disputas internas, realmente não ameaçava. Quando a TV Globo começou a funcionar eu achei que ali vinha realmente um concorrente de peso para o jornalismo impresso. Primeiro porque o Roberto Marinho era um jornalista. O Globo podia ser um jornal com marcas de vespertino, mas era um bom vespertino. Era um jornal da cidade muito ativo, muito presente, e tudo que o Globo fazia era muito bem organizado, com bases e, além disso, ele tinha trazido o aporte do Time Life, do grupo Time Life que naquela época estava começando a entrar em televisão também nos EUA e eles fizeram uma sociedade e eu sabia que, bom, uma televisão brasileira originar a filha, herdeira de um bom jornal brasileiro com, digamos o aporte, o apoio, a experiência e a tecnologia americana, isso é coisa séria, já não é mais os Diários Associados com a TV Tupi. Então eu falei, aqui temos um rival e eu fiz esse memorando, dizendo exatamente isso que eu falei há pouco... "Agora o jornal impresso tem um rival e a forma dele se demarcar, de se valorizar, de mostrar o seu potencial, as suas vantagens é ele ser denso, deixar de ser fragmentado com coisinhas pequenas e oferecer ao leitor uma leitura qualificada, mais analítica." E isso a gente já estava fazendo, só que agora virou ideologia. E eu tracei uma série de linhas que a gente deveria seguir, nada impositivo, não era nada, não era voluntarismo, era uma percepção de que os tempos estavam mudando e nós tínhamos que seguir nessa direção e seguimos. Uma das coisas que eu mencionei era que o jornal em vez de ser quantitativo ele tem ser qualitativo e seletivo, que dizer em vez de dar mil coisinhas, tem que dar menos matérias, menos assuntos, porém mais profundamente, com mais extensão, mais organização, trazer alguns aportes da revista, aí era minha experiência de revista que eu tinha trabalhado em Visão, Manchete e Fatos e Fotos, eu sabia que o jornal diário não podia ignorar, digamos, o revistismo, tudo isso foi exposto nesse memorando e me deu muita felicidade de incrementar isso. Infelizmente eu estava, não digo relegado, ao contrário, mas a minha área estava demarcada, eu era o técnico de jornalista, eu não tinha nenhuma influência no processo opinativo. Eu participava das reuniões dos editoriais, que isso também era uma outra coisa que o Brito pessoalmente tinha incrementado, a reunião de editoriais, o corpo de redatores se reunia, com algum ritual, toda tarde. Acho que eram seis horas da tarde, vários editorialistas discutiam a posição do jornal, evidentemente que nada que contrariasse, ao

contrário, a posição do dono do jornal, Nascimento Brito, mas havia sempre uma, digamos um certa simbiose, ou pelo menos uma adaptação entre o que ele queria e o que podia ser melhorado daquelas suas idéias e eu assistia essa reunião porque eu tinha que saber previamente, qual seria, digamos, a linha do jornal, o que não era difícil adivinhar também porque era uma linha muito clara. No Brasil daqueles anos, depois da renúncia do Jânio, já se percebia que alguma coisa de grave ia acontecer, muita agitação, muito conflito, muitas radicalizações, não apenas com relação à política brasileira, mas com relação à política mundial, a guerra fria. O dono do jornal, Nascimento Brito, tinha ido à Rússia, eu não lembro exatamente, mas pouco antes, eu já estava lá, portanto foi em 62, ele foi à Rússia e voltou e escreveu, ou mandou escrever, ou editou, não sei como foi feito isso, mas ele fez uma série de matérias muito radicais com relação à União Soviética, muito duras contra o stalinismo, contra a falta de liberdade e isso serviu de marco político ou ideológico do jornal. A guerra fria e suas conseqüências no Brasil realmente fizeram que aqueles tempos fossem extremamente agitados, mas nós conseguimos que a redação fosse uma ilha, fazendo um bom jornalismo, dando tudo, não omitindo nada, agora tinha o vícios do jornal que era impossível enfrentar porque era a tradição brasileira, quem determinava a linha do jornal desde Hipólito da Costa eram as posições de quem detinha os meios de produção que era o dono do jornal, isso era inevitável, sempre foi assim, com Samuel Wainer, com Chateaubriand, com Carlos Lacerda, com Paulo Bittencourt, Orlando Dantas, era a voz do dono, a voz do dono era que se impunha e os jornalistas se adaptavam a ela. Eu era muito jovem, não tinha nenhum peso político, nem queria ter, eu era um jornalista que amava essa profissão com fervor enorme e rodeado por outros jornalistas que só pensavam em jornalismo, nós estávamos tentando fazer um bom jornal e assim fizemos fomos enfrentando todas as dificuldades políticas, em 64 nós demos o golpe militar, nós demos uma cobertura extraordinária, ganhamos na época o Prêmio Esso, eu acho, não apenas fotográfico, mas com material. Nós tínhamos excelentes repórteres em todo Brasil, porque isso foi uma das coisas que eu implantei logo em 62: ter correspondentes. E para isso um dos primeiros atos administrativos meu foi demitir o correspondente em São Luís, que se chamava José Sarney, que depois foi presidente do Brasil. Ele era correspondente do Jornal do Brasil em São Luís, mas era um pilantra, ele já estava ligado à política, só fazia matérias que lhe interessavam politicamente, se valorizava. A matéria não era assinada e assim ele fazia matéria, ganhava uns tostões, porque a Condessa prestigiava muito todos os maranhenses, e ao mesmo tempo ele se valorizava politicamente. Era um péssimo profissional de jornalismo. Eu tive o maior prazer

em demiti-lo por telegrama. E nós fizemos uma rede de correspondentes e de sucursais muito importante.

Qual é a realidade da redação e da produção da informação no JB antes e depois de 1968?

O golpe militar de 64 não provocou grandes alterações no fazer jornal porque foi logo instalado um governo que, digamos, foi tornado legal e a vida continuou e não houve nenhuma interferência no jornal. A não ser digamos, reforçou as posições do jornal que eram já anteriores ao golpe. É preciso levar em conta que a imprensa toda, exceto a Última Hora, já vinha fazendo carga contra a radicalização do Brizola e do Jango e o golpe foi uma consequência dessa posição generalizada da imprensa. Ele não surgiu de repente, foi um trabalho. Muitos estudos já foram publicados a respeito. A discussão sobre o que deveria acontecer no Brasil já vinha sendo travada, não apenas na Escola de Comando do Estado Maior, da Praia Vermelha, mas também em vários institutos de discussão, círculos empresariais... Eles já sabiam o que eles queriam fazer, sobretudo porque o que acontecia no Brasil estava inserido no contexto internacional. Não foi o que aconteceu no Brasil, seja a radicalização do Brizola, seja a contra-radicalização dos militares, isso tudo estava dentro do grande tabuleiro de xadrez da política internacional, não foi um acidente interno, mas 1964 não representou nenhuma alteração no fazer jornalismo, cobria-se tudo, publicava-se tudo, tudo que chegava, evidentemente, inclusive alguns excessos que houve em 1964, que houve no Recife, nós publicamos, a tomada do Forte de Copacabana, mas aí não foi um excesso, foi o general Montanha que deu um tabefe no sentinela do Forte de Copacabana e tomou o Forte. Mas não havia grandes interferências, as grandes alterações no fazer jornalismo aconteceram a partir de 1968. O jornal teve até um momento que ele se opôs à candidatura oficial de um militar, o general Costa e Silva. O jornal não foi simpático à candidatura do Costa e Silva, fez muitas restrições, não era a figura que o jornal apoiaria normalmente, isso ficou visível nas matérias opinativas. Dizem que o Costa e Silva era extremamente qualificável sob o ponto de vista militar, mas ele era um homem digamos, sem o brilho intelectual ou densidade intelectual que tinha o seu antecessor, que era o Castelo Branco. E também a mulher dele tinha todos aqueles envolvimento mundanos, grã-finos e também de corrupção que eram visíveis. O jornal fez muitas restrições visíveis, portanto ele não seguia uma linha oficial de apoio ao regime, achava que o Costa e Silva não era a figura ideal. Depois, quando aconteceu o seu derrame e a sua substituição por uma Junta Militar, foi aí realmente que a coisa começou a entrar no ritmo de ditadura mesmo, mas mesmo assim sem nenhuma interferência no fazer jornalismo. E de repente

aconteceu 68. É importante que se faça um parêntese antes do AI-5... É que o Jornal do Brasil cobriu toda a movimentação estudantil, a revolta estudantil carioca que foi mais importante do que a de São Paulo, da sua sacada... As passeatas, a passeata dos Cem Mil na Avenida Rio Branco, ela parou na porta do Jornal do Brasil e houve aplausos e muitos jornalistas do Jornal do Brasil, que não estavam trabalhando, estavam na passeata também. Então o Jornal do Brasil tinha uma importância muito grande como veículo considerado democrático. Então não há nada até 1968 que o Jornal do Brasil tenha feito contrariando as normas pré-existentes. O que realmente foi duro, o que foi dramático, foi 68, quer dizer, foi o AI-5. E aí eu tive uma participação pequena, mas também de novo abençoado e dou graças a Deus, eu não sou religioso, pela minha intuição. Eu estava no dia 13, evidentemente como todo mundo, prestando atenção ao noticiário radiofônico, a Voz do Brasil, pois sabíamos que ia ter uma reunião gravíssima. Na Voz do Brasil, foi o Alberto Curi que leu o texto do AI. Quando a gente começou a ouvir aquilo, concluiu-se que estávamos efetivamente numa ditadura, caracterizada como ditadura, porque até então era uma ditadura disfarçada. Não vamos esquecer que o Brasil sempre viveu períodos de ditadura disfarçada. O Estado Novo foi uma ditadura disfarçada. Não tinha o Congresso, o Getúlio por uma influência fascista, dos fascistas que envolviam o Getúlio, fechou o Congresso e tudo, mas fingia-se que era uma democracia, um ambiente descontraído. Depois que caiu o Estado Novo é que se percebeu o buraco que existia em nossa vida institucional e no processo democrático. Mas até 68 a gente estava nessa ambigüidade política tradicional brasileira, em que você fingia que era um regime livre, que havia respeito à liberdade, mas na verdade não existia coisa alguma. Mas ouvindo o AI-5 no rádio, eu não esqueço, na minha sala tinha um serviço de alto-falante da rádio Jornal do Brasil, a gente podia ouvir o que a rádio estava dando e a rádio entrou em cadeia com a Agência Nacional e transmitiu a íntegra, lida pela aquela voz magnífica do Alberto Curi, acho que é irmão do Ivon Curi, aquele cantor, ouvindo aquilo falamos: "Estamos diante de uma ditadura". Eu me lembro que imediatamente depois de acabar, liguei pro Brito e subi pro gabinete dele, eu estava na redação que era no 3º andar e ele funcionava no 6º andar, no prédio que foi destruído, infelizmente, na Rio Branco e falei pra ele: "Brito, vai começar a censura, é evidente, e nós temos que avisar ao leitor que nós estamos sob censura, pelo menos amanhã. Porque, a partir de agora, ele não pode acreditar inteiramente no que nós vamos dizer, mesmo que essa seja uma censura branda, mas a gente tem que avisar que está instalado formalmente um regime de censura". Ele falou: "Dines, não quero bagunça, você comandar isso está bem, mas não quero bagunça, não quero confusão na redação, nem indisciplina". E assim foi feito. Eu desci e

avisei: "Gente nós vamos fazer uma edição rebelde". Naquela hora estava chegando, ou minutos antes tinha chegado, a turma de censores. Tenho a impressão de que eram cinco fardados, eram capitães e majores justamente da escola de Comando do Estado Maior do Exército, que era uma escola de formação de elite e vieram lá com muita educação, mas fardados, não uniforme de campanha, mas uniformizados e desarmados, e se apresentaram: a partir daquele momento, seguindo instruções, eles passariam a acompanhar o noticiário. E eu falei: "Bem, vocês ficam aqui, o único lugar disponível é aqui na minha sala". Ao lado tinha uma longa mesa de reuniões, onde a gente fazia reunião de pauta. "Vocês ficam aqui porque na redação é impossível, pode haver conflitos, coisas desagradáveis. Vamos fazer as coisas de uma forma civilizada". Eles recebiam cópias das matérias e combinei com o pessoal que a gente ia fazer as provas de páginas – naquela época era tudo muito precário comparado com hoje, o jornal era composto embaixo na oficina, tirava-se uma prova da página, para fazer as revisões finais – e essa prova de página nós mandaríamos para os censores. Eles poderiam modificar isso, mas nós não executaríamos as modificações que eles pediriam. E eles não sabiam que a prova de página poderia ser alterada lá embaixo na oficina, eles pensavam que revendo a prova de página eles controlariam o jornal, o que não era verdade, e eles só descobriram isso 24 horas depois. Então eles mexiam lá na prova de página ali ao lado, entregavam a prova e a gente fazia o que queria e aí fizemos o diabo. Aparentemente, respeitava-se tudo. Mas não apenas a previsão do tempo – que fui eu que pedi: "vamos fazer uma previsão do tempo que seja uma mensagem... Nuvens negras ameaçam o país...". Todo o jornal, o jornal inteiro, até o classificados, tinha coisas que indicavam que o jornal estava sob o controle de alguém e não mais dos jornalistas. Fotografias nas páginas de esporte... tudo! Sendo que a manchete era uma manchete noticiosa: "Governo decreta o AI-5 e fecha o Congresso". Isso não podia ser negado porque tinha sido anunciado na Voz do Brasil, portando não havia o que contestar e fizemos essa edição. Me lembro que fechou muito tarde porque o jornal precisou ser feito e refeito, mas lembro perfeitamente também, às 5 da manhã, já dia claro, dezembro, saímos, eu e o Carlos Lemos, que era o meu segundo, grande amigo e companheiro, saímos e falou: "Olha, acho que fizemos uma edição histórica porque o Jornal do Brasil tomou uma posição, fez uma coisa que vai entrar para a história". E efetivamente entrou. Hoje, quando você pega aí as primeiras páginas e os grandes momentos da imprensa brasileira, essa edição já do dia 14, sábado, é de fato marcante. O que aconteceu depois, e isso eu não esperava, é que no sábado, quando a gente preparava a edição de domingo que era muito robusta, muito cheia (não se preparava muita coisa como hoje se faz, o jornal era feito a partir de

quinta-feira, no máximo se fechava o Caderno Especial com matérias maiores, mas o resto tudo, o jornal inteiro era feito na véspera mesmo, atual, quente, não é como hoje que o jornal de domingo é feito muitos dias antes), chegamos para fazer uma edição que sabíamos que ia ser muito grande porque era dezembro, dezembro é um mês, naquela época, sobretudo porque havia um grande comércio, você tinha os grandes anunciantes fazendo publicidade pesada e o jornal em dezembro faturava, todos os jornais faturavam o que não faturavam no resto do ano e então sabíamos que a edição de 14 de dezembro ia ser muito rica em número de páginas e de fatos e aí começamos a trabalhar e nesse momento chega a equipe de censores e tinha um major gaúcho muito petulante, que na noite anterior tinha se comportado bem e chegou pra mim e disse: "Você me fez de palhaço, vocês me enganaram...". E começou a levantar a voz e eu falei: "Você saia daqui porque eu resolvi por educação deixá-lo aqui no conforto da minha sala, agora você vai pra redação, comporte-se, me respeite...". E aí começou aquela coisa que a gente ia se pegar, aí tinha, eu não sabia, em trajes civis, um tenente-coronel muito delicado: "Não gente, vamos se comportar". E o deixa disso funcionou, mas o que aconteceu é que eles perceberam a lição definitiva sobre a mecânica jornalística, eles perceberam que não adiantava eles lerem a prova de página que a gente mostrava a eles, eles tinham que ver lá embaixo, na oficina, se o que eles tinham aprovado estava sendo feito lá embaixo e aí realmente o jornal passou a ser controlado. Acontece que aí o Jornal do Brasil teve um gesto de grandeza, talvez único, é que nesse momento o AI-5 provocou um processo de repressão muito grande, houve muitas prisões, Carlos Lacerda foi preso, um bando de gente foi presa, preventivamente não tinham feito nada, mas eles não queriam correr risco e mandaram prender também um homem que era o braço direito do ex-presidente Juscelino Kubistchek, que era o embaixador José Sette Câmara. O Juscelino tinha aceitado participar, com o seu inimigo Carlos Lacerda e com o Jango, da Frente Ampla e eles eram, portanto considerados inimigos do regime militar, então Juscelino foi preso e o Sette Câmara, que era um grande amigo do Juscelino, um conselheiro, um homem muito ponderado, um diplomata de carreira, uma figura extraordinária, tinha sido o primeiro prefeito do Estado da Guanabara, o Sette era diretor do jornal, diretor da empresa, participava das reuniões editorial, acompanhava o Brito em uma série de decisões, mas ele não era um jornalista e um homem super discreto jamais se metia em qualquer coisa, às vezes dava uma sugestão, que eu aceitava ou não, mas de uma elegância, moral inclusive, exemplar. Mas houve uma ordem de prisão do Sette Câmara, ele desapareceu e o Brito soube que o Sete Câmara estava sendo perseguido e aí ele considerou isso uma ameaça ao jornal e isso foi realmente extraordinário. O dono do jornal se

sentiu ameaçado, quer dizer, a empresa ameaçada porque havia uma ordem de prisão contra um diretor e aí o Brito decidiu que o jornal não sairia no domingo. Isso, contado assim, parece uma coisa fria, mas as implicações comerciais, num domingo de dezembro você chegar e não sair é um risco financeiro tremendo e político também e veio essa ordem: o jornal não sairá no domingo dia 15 de dezembro. Lembro-me que a condessa Pereira Carneiro, que ia às redações muito raramente, talvez uma vez por ano. Ela veio ao jornal, e foi a todos os andares, oficina, redação, foi a todos os andares pra digamos, dar ânimo, para mostrar que havia uma coerência interna. Foi um momento de ouro da história do Jornal do Brasil, que nunca mais se repetiu e provavelmente não tinha havido antes também. O jornal não saiu no domingo, mas o que houve também de muito bonito é que as agências de propaganda e os anunciantes diretos resolveram manter os anúncios na edição de segunda-feira. Então o jornal na segunda-feira, que ele já saía na segunda-feira, agora não sei foi na segunda ou na terça, fiquei na dúvida, mas ele saiu como se fosse um jornal de domingo, com todos os anúncios, com todas as matérias, isso foi uma coisa muito bonita de parte do anunciante que soube prestigiar o jornal e cumprir, digamos, o contrato de anunciar, foi uma coisa muito bonita, mas que não se repetiu porque, o Sette Câmara afinal não foi preso, mas o jornal passou a se submeter absolutamente à censura. Estavam lá os majores e o jornal já saía como eles queriam. O que aconteceu nessa semana também é que eu era professor da PUC desde 1963 e os meus alunos me escolheram como paraninfo, mas isso em outubro ainda, antes de qualquer coisa, eu aceitei evidentemente, e já tinha preparado um discurso que era obrigatório fazer e o discurso que eu fiz, era um discurso sobre Praga. Naquela época a coisa mais importante era a resistência do povo tcheco à opressão soviética, que entrou lá com os tanques, foi realmente uma revolta muito importante e tinha a ver com imprensa porque imediatamente o que havia de liberdade na Tchecoslováquia foi suprimido e nós tínhamos um correspondente em Praga que era o Mauro Santayana e o pseudônimo dele em Praga era Mauro Kubelik, esse pseudônimo foi inventado pelo Luiz Orlando Carneiro, que agora vai completar 50 anos de jornal, ele era o chefe de reportagem, um dos principais da equipe e um grande melômano, grande conhecedor de música e tinha na época um grande maestro de origem tcheca chamado Rafael Kubelik, que ele gostava muito, aí ele então...Vamos dar um nome tcheco e vamos botar Mauro Kubelik e passou a ser o apelido...E o Mauro fez uma cobertura extraordinária, ganhou um Prêmio Esso com essa cobertura porque era o único correspondente brasileiro lá e muito bem informado porque já vivia na Tchecoslováquia há algum tempo e o meu discurso era todo ele voltado pra coisa da Tchecoslováquia, a favor da liberdade, da democracia, da cultura, preparei esse

discurso. Evidentemente quando se deu o AI-5, na semana entre a festa, que ia ser na sexta-feira seguinte, eu refiz o discurso, tinha que atualizar, claro que eu sabia que eu não ia fazer menção direta ao que tinha acontecido no Brasil, mas eu tinha que mudar, em falar da liberdade de imprensa, em falar das forças, da escuridão, uma série de coisas que eram metáforas, pelo menos as metáforas eu não poderia deixar de fazer e fiz um discurso bastante agressivo. Sexta-feira, portanto uma semana depois do AI-5, que era o dia da festa lá da PUC, eu saí mais cedo, deixei o discurso com a redação, e a redação preparou uma matéria, evidentemente se acontecesse qualquer coisa seria suprimida, se eu tivesse ficado doente, qualquer coisa, a matéria teria sido suprimida, mas a matéria foi deixada pronta e evidentemente a cópia da matéria bateu na mão dos censores e os censores foram avisados por mim mesmo, pela redação, de que ia ter um discurso contra a ditadura e sobretudo contra a censura e aí eles ligaram lá, tomaram as suas providências que eu não sei quais, eu sei que, isso eu soube depois, que o discurso foi acompanhado por dois agentes do Cenimar, Serviço de Inteligência da Marinha, que era um serviço muito eficiente, mas perverso, como todos esses serviços de repressão. Então o discurso foi muito aplaudido. Essa coisa toda, e depois eu soube que o discurso foi acompanhado porque tinha sido avisado pelo Cenimar. Mas eu percebi por parte de alguns presentes certos constrangimentos, eu me lembro que estava presente lá uma figura que eu considero abjeta, que era o Arnaldo Niskier, que era professor da PUC e que foi oficial de Marinha. Ele me cumprimentou com distância. E também outros professores da PUC, bastante constrangidos de apoiar um discurso que era, tinha sido intelectualmente subversivo. Muito bem, aquele fim de semana era a minha folga, nós tínhamos um sistema de revezamento, uma semana eu ficava no fim de semana, o outro fim de semana o Lemos folgava e assim a gente ia fazendo, e eu tinha uma casa de campo em Itaipava e subi pra lá com meus filhos, já tinha quatro filhos, e fomos pra Itaipava e voltei no domingo à noite como sempre, e quando chego no meu apartamento, eu morava na esquina da Paula Freitas com Avenida Atlântica, num prédio onde também morou o falecido Fernando Barbosa Lima, ele morava em cima, eu morava embaixo, e aí tocam as duas campainhas, foi uma operação ridícula, prender um jornalista desarmado, tocam a campainha da porta de serviço e ao mesmo tempo a da frente, coisa inusitada, ou as pessoas tocavam pelo serviço ou pela frente, mas os dois simultaneamente, mas era porque realmente vieram dois agentes da Polícia Federal para me prender. Evidentemente a minha mulher, falecida já, ela se assustou, não me foi dado o direito de fazer uma maletinha com coisas, eu fui despachado assim mesmo. Eu fui levado para a Polícia Federal pra abertura de inquérito e em seguida, a Polícia Federal na rua da Relação Fiquei lá horas e depois um furgão me levou pra

Vila Militar, pra um quartel e o quartel como sabem não tem condições carcerárias, o quartel não é feito pra prender ninguém, me puseram num cubículo, estávamos no verão, a Vila Militar é uma das regiões mais quentes do Rio de Janeiro pela sua posição topográfica, aquilo é um forno, e me puseram lá e lá eu fiquei até que começaram a me procurar, dias depois melhoraram, sobretudo porque a United Press que era uma agência de notícias que já não existe mais e era muito ligada ao Jornal do Brasil porque ela funcionava no prédio do jornal, já décadas, ela funcionava, tenho impressão que nós estávamos no 3º e ela funcionava num andar acima, então a United Press imediatamente, quando soube disso, na manhã seguinte, que eu tinha sido preso, mandou a notícia e o New York Times fez um pequeno editorialzinho sobre a prisão do editor chefe do Jornal do Brasil e isso teve muita repercussão porque uma coisa é você ser preso e não ser noticiado, outra coisa é o New York Times noticiar. É preciso dizer que nenhum jornal brasileiro noticiou minha prisão e O Estado de São Paulo, que gostava de dizer que não estava sob censura, estava sim porque ele não noticiou, em outras circunstâncias ele teria dado e teria feito até um protesto segundo sua tradição liberal. Mas esta nota do New York Times teve uma grande repercussão e teve uma grande repercussão também o gesto de um militar, que está vivo, general Octávio Costa, que era o do grupo, vamos chamar, liberal do Exército, grupo castelista, o grupo que foi lutar contra o nazifascismo na Itália, muito mais aberto, embora eles tivessem feito e até chefiado intelectualmente o golpe militar, mas eles tinham uma outra atitude e ele era conhecido da minha família, e me conhecia bem, quando ele soube que eu tinha sido preso, naquela ocasião ele era o comandante do Forte do Leme, o Leme era mais uma escola de aperfeiçoamento do que uma fortaleza militar mesmo, mas tinha tradição, e ele resolveu me visitar e foi me visitar na Vila Militar, fardado, com o carro do comando do Forte, portanto, quando ele chegou, aquelas coisas do ritual militar, quando ele chegou, toca o clarim, dizendo que tem um general me visitando, quer dizer, ele foi me ver como um militar e a partir daí o tratamento a que eu fui submetido amenizou-se muito porque os meus carcereiros, inclusive o comandante do batalhão de artilharia anti-aérea, esse era o batalhão que eu estava encarcerado, ele percebeu que, esse é um preso que recebe a visita de um general, tem aqui alguma coisa estranha e me tirou daquele cubículo onde eu estava, eu passei a comer, não junto com os oficiais, mas no clube dos oficiais, em suma, melhoraram as condições carcerárias, entrementes a minha então mulher foi lá e me trouxe as coisas essenciais, toalha, escova de dentes, aquelas coisas que você precisa minimamente para sobreviver, acho que um livro, um caderno com um lápis e tal, um jornalista não pode viver sem um lápis e aí as condições melhoraram e não houve nenhuma, além dessa

violência moral de você ser encarcerado sem ter culpa, que isso é uma coisa que pesa muito, não houve nenhuma violência física e chegou na véspera de Natal o comandante lá do batalhão de baterias anti-aéreas disse: "Considerando que o senhor não tem periculosidade nós vamos liberá-lo para passar o Natal com a sua família...". Olha, eu vou dizer, eu não sou católico, não sou cristão e o Natal é apenas uma festa que você se reúne com seus amigos, sua família, não tem um significado maior pra mim, mas era uma oportunidade que me era oferecida para eu sair da prisão e eu saí. Eu saio com o compromisso de voltar no dia seguinte, no dia 25 mesmo, durante o Natal, eu ia passar a véspera do Natal com a família e voltaria no dia 25, aí um parente meu tinha um Mercedes, ele me botou no Mercedes só pra agredir e eu cheguei no quartel, preso, mas num Mercedes última geração, não me lembro de que ano era o carro dele, para agredir um pouco aquela situação e voltei pro xilindró, mas fiquei poucos dias e logo depois fui comunicado que eu já seria liberado, como de fato fui, e fui pra redação. Uma ou duas semanas depois eu recebo um comunicado de que eu estava sendo chamado ao Comando do I Exército que era naquele prédio ao lado da Central do Brasil que tinha um inquérito policial militar, que eu tinha que prestar um depoimento, Achei que era rotina, como tinha sido preso, como tinha sido aberto o inquérito, o inquérito tinha que prosseguir, sabia que eu seria interrogado e logo seria liberado, já era janeiro, avisei à direção do jornal que eu estava indo para esse inquérito e fui pra lá. Cheguei lá, acho que duas da tarde e quem estava me inquirindo era esse general Montanha, não sei se na época ele já tinha sido promovido de coronel para general ou se ainda era coronel, não consigo precisar, mas ele é que estava chefiando esse inquérito da 2ª seção, a 2ª seção do Exército, naquela ocasião, era a seção de Inteligência e da Repressão também. Em situações normais era só de Inteligência, mas numa situação onde não há garantias, são os órgãos de repressão que funcionam sobre a égide de 2ª Seção. Bom, fui pra lá, pra 2ª Seção, o coronel Montanha me chama lá e começa a fazer perguntas muito estranhas que tinha a ver com a minha condição de judeu, mas muitas perguntas, uma pergunta eu não esqueço..."Como é que um judeu chega ao comando de um jornal católico da importância do Jornal do Brasil?". Porque o Jornal do Brasil era um jornal católico, porque o conde Pereira Carneiro recebeu o título de conde do Vaticano, isso era muito comum, não foi o único, o Conde Matarazzo também recebeu, era inclusive comprado você dava uma grande doação pro Vaticano e o Vaticano conseguia esse título nobiliárquico, foram muitos condes brasileiros que fizeram isso, mas o jornal era muito ligado à Igreja Católica, o cardeal escrevia habitualmente no jornal, na rádio tinha na hora do Ângelus, às 6 horas da tarde, tinha uma prece, Ave-Maria, em suma, o jornal se apresentava formalmente como um representante da Igreja

Católica, nunca houve nada contra mim dentro do jornal, todo mundo sabia que eu era judeu, mas nenhuma restrição, nenhuma discriminação, mas o Montanha não, tocou nisso. É importante lembrar que um dado que a gente junta nesse xadrez. Nesse dominó todo, é de que em dezembro, em algum momento, acho que foi justamente no Natal, em função do Natal, nós preparamos, como sempre fazíamos no Caderno Especial, fazíamos uma edição especial com matérias, mas eram matérias sempre muito inteligentes e quem dirigia, quem fazia esse caderno era evidentemente uma pessoa muito católica que era o Luiz Orlando Carneiro e ele fez isso, um intelectual realmente da linha Jacques Maritain, muito culto e ele fazia uma coisa que não era umas coisas simplistas, evangélicas, digamos, era uma coisa superior, sobre significados, com artigos muito bons e um dos artigos, até era eu que fornecia a ele, era sobre a pessoa de Cristo, naquela época já estavam começando os estudos históricos sobre Jesus Cristo. Primeiro a literatura já tinha produzido algumas obras importantes, mas os estudos históricos já eram muito avançados sobre isso e eu forneci a ele um estudo que eu tinha lido, era um assunto que sempre me apaixonou, como o judaísmo se transformou no cristianismo primitivo e depois daí virou outra coisa. Sempre me fascinou esse aspecto, intelectualmente eu tinha uma literatura boa, dei pra ele e ele mandou traduzir e a gente publicou, mas isso desagradou muito o Gustavo Corção. O Gustavo Corção era um líder de direita, extremamente católico, com uma grande influência, inclusive no Exército, nos círculos católicos militares, mas um homem de direita, você tinha dois pólos ideológicos dentro da Igreja católica carioca e brasileira, um era o doutor Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde, mais à esquerda, e o Gustavo Corção, mais à direita, o Gustavo Corção escrevia no Globo e o Tristão de Ataíde no Jornal do Brasil. Não me lembro se o Corção era da Academia Brasileira de Letras, acho que não era da Academia, o doutor Alceu era acadêmico. Mas eu sei que o Corção não gostou desse caderno nosso, não gostou, sobretudo dessa matéria, de uma figura importante, não me lembro agora, que estudava a personalidade humana desse homem chamado Jesus Cristo que foi o iniciador de uma religião que dominou o mundo pelo menos durante dois milênios, ele não gostou e mencionou meu nome... "Um jornal dirigido por um judeu, ele evidentemente, que só pode fazer esse tipo de matéria herética..." Isso foi na semana seguinte do Natal. Eu fui chamado ao II Exército em janeiro, uma ou duas semanas depois e o general Montanha, que depois eu descobri e foi fácil descobrir, era do círculo do Gustavo Corção, realmente começa a me perguntar muito nessa linha..."Quem é que fez aquele caderno, de onde o senhor recebeu esse material...", uma coisa louca, quer dizer, a gente faz uma coisa, o caderno especial foi feito por um jornalista que até hoje está no Jornal do Brasil, católico, fidelíssimo,

um homem maravilhoso que é o Luiz Orlando Carneiro, que seguia a linha Jacques Maritain, que é uma linha muito mais aberta, muito mais humanista, e eu não me meti nada, eu apenas ofereci a ele e ele achou interessante e achou que deveria publicar e de repente eu começo a aparecer como um agente anticatólico, anticristão, subversivo, eu realmente, até aquele momento eu já tinha encontrado na minha vida episódios de anti-semitismo no Brasil mas aquela sessão ali foi dramática sob esse ponto,... meu Deus o Brasil é realmente, mantém ainda da Inquisição essa raiz inquisitorial. E ele insiste sempre... "como é que um judeu... o seu pai , o que o seu pai faz"... , meu pai, como eu contei, era muito ativo na comunidade judaica, um militante da organização da comunidade. Era um homem mais à esquerda, mas tudo bem, isso nem era conhecido, dentro da comunidade sabia-se, em suma, eu fiquei muito constrangido com esse episódio e aí começaram outras perguntas, eu tinha estado em 1967 na União Soviética, à convite da União dos Jornalistas da URSS, eram os 50 anos da Revolução de 1917, a primeira revolução, e fui lá na União Soviética e escrevi uma série de artigos em que eu não refutava diretamente, mas eu contrastava com certas posições que o Nascimento Brito tinha tomado anos antes quando ele foi na URSS. Primeiro eu procurei visitar coisas que me interessavam como jornalista, ele não, ele ficou nas altas esferas, eu falo, conheço um pouquinho de russo e ninguém vai me enganar, então eu podia, embora sempre acompanhado por um guia que falava espanhol, que era um jornalista, que tinha servido no Rio de Janeiro, meu amigo, então eu pude, fiz uma pauta de encontros que eles mantiveram, viajei, fui visitar a cidade onde meus pais nasceram, eu queria, eu tinha um apelo, coisa que o Nascimento Brito não fez e com isso eu mergulhei um pouco mais nas esferas da vida russa que os outros visitantes não faziam isso, iam a Moscou, iam a Leningrado, hoje São Petersburgo, pra ver o Hermitage e estamos conversados. Eu entrei mais fundo na vida soviética. Fui às cidades da Rússia asiática, que era uma coisa nova, não estavam acostumados, fui à Geórgia, coisa que não era habitual e fiz uma série de matérias, não posso dizer simpática, mas apontando as coisas positivas que tinham sido feitas pela revolução bolchevista e apontando também repressão e tudo, os silêncios, os medos que havia, mas mostrando que tinham coisas positivas do ponto de vista de educação, de cultura, de saúde, realmente eram coisas extraordinárias e eu tinha que dizer isso. Evidentemente que os milicos não gostaram dessa posição de aceitar, lembre-se que eu estou falando de 1968, auge da Guerra Fria, então os milicos acharam que eu estava comprado pelo ouro de Moscou. É bom considerar que no dia, depois que eu publiquei a matéria em junho, houve alguma comemoração, eu tenho impressão que foi a comemoração habitual no São João Batista aos mortos do levante comunista, chamada Intentona

Comunista e habitualmente nessas lembranças que se faziam lá no túmulo dos soldados que foram mortos na Intentona, havia sempre um discurso anticomunista virulento e o discurso nesse ano, portanto de 1967, um ano antes do AI-5, o discurso foi muito relacionado, quer dizer, não se mencionou o Jornal do Brasil, mas se falou no ouro de Moscou bancando uma campanha da imprensa brasileira, isso muito claro, quer dizer, isso depois é que eu percebi quando o Montanha começou a me indagar, de que eu vivia, as minhas fontes de renda, se eu tinha ganho para visitar Moscou, coisas absurdas. Eu fui pelo Jornal do Brasil, pago pelo Jornal do Brasil, então não havia nenhuma suspeita e a matéria foi publicada com autorização da direção do Jornal do Brasil, portanto não era nada subversivo, mas houve uma reação muito grande as matérias que eu escrevi no Jornal do Brasil e fui justamente criticada nessa solenidade da Intentona, eu não consigo me lembrar qual foi o mês da rebelião comunista de 1935, mas foi logo depois da publicação da matéria. Voltando ainda ao interrogatório do Montanha, ele perguntou muito sobre a minha visita, essa coisa do dinheiro, se eles tinham pago, se eu tinha recebido, de que eu vivia, um interrogatório muito constrangedor que você é obrigado a responder, você não pode dizer não respondo porque você não tem nenhuma garantia, não tem um advogado para dizer... Olha eu não vou responder porque isso não me dá respeito... Você tem que responder e se explicar e foram horas, eu me lembro que eu almocei no JB e logo em seguida eu fui correndo lá pro Comando do I Exército e as cinco ou cinco e meia da tarde o coronel ou o general, não sei qual era o título dele na ocasião, o cargo dele, o posto dele na ocasião, mas eu sei que o Montanha me fala assim... "Olha eu tenho uma boa e uma má notícia para você, a boa notícia é o seguinte, eu acho que você não é um agente subversivo, você é um liberal, um democrata, que acredita nessas coisas, mas nós temos uma missão a cumprir", me fez uma catilinária, mas me considerando um liberal, muito bom. ... "A má notícia é que você vai passar a noite conosco..." Uma forma de eu feliz e dizer que eu estava preso, mas, precisa dormir, convoca e amanhã de manhã eu estou aqui, ... "Não, não, é melhor porque assim resolvemos isso mais rapidamente...". Aí eu falei, tá bom, não posso reagir. E aí também foi um dos episódios moralmente mais aviltantes que eu já vivi, além da primeira prisão, foi que eram 6 da tarde, o Ministério, é hora de saída de todo o funcionalismo do Comando do I Exército, muitos funcionários, e veio uma escolta do batalhão de guardas, o batalhão de guardas era a tropa de elite do Exército, rapagões enormes, fortíssimos, de metralhadoras na mão, veio uma escolta pra me levar para o lugar onde eu ia pernoitar, às 6 horas da tarde, num elevador que desce centenas de funcionários, atravessa o saguão do Comando do I Exército qualhado de gente, escoltado, aí vou pro jipe, percebo que estão me levando pra São Cristóvão, como eu sou carioca eu

conheço bem, eu sabia que estavam me levando para o Batalhão de Guarda efetivamente e vou de novo, um cubículo infecto, só que alguém me disse, não me lembro quem, já lá...“Olha você vai se divertir, porque aqui tiveram outros colegas seus...”, depois eu descobri que tinha sido o Joel Silveira, o Antonio Callado, que nas semanas anteriores tiveram prendido ali também, mas não significou nenhum fresco, de novo as condições precaríssimas, sempre muito quente, condições de higiene, realmente uma coisa desumana, brutal mesmo, pra humilhar. Tive que ficar ali e na manhã seguinte, evidentemente você não consegue dormir naquele ambiente... Pulgas, você sente que deve ter ratos por ali... Bom, e na manhã seguinte eu vou de novo lá pro general, coronel Montanha, e termina o seu interrogatório e então eu sou liberado. E aí eu vou direto pro jornal porque afinal era horário útil, devia ser meio-dia ou coisa assim e descubro que naquela noite, portanto, na noite de segunda pra terça-feira, de um dia de janeiro que eu não posso precisar qual foi, os censores tinham saído do jornal e o jornal estava sob o regime de autocensura e aí eu fiquei ainda mais humilhado, não por causa dos militares, mas porque ficou claro que a direção do Jornal do Brasil me tirou da redação porque sabia que naquele dia, naquela noite o jornal passaria ao regime de autocensura, isso ficou claríssimo pra mim, evidentemente que eu não tinha como questionar o dono do jornal, mas eu fiquei de cara amarrada durante muito tempo porque ele realmente foi um cúmplice dessa segunda prisão. Eles sabiam que precisavam, esse elemento que poderia provocar alguma resistência, que tinha provocado a primeira resistência, mas autorizado, ele poderia provocar uma outra resistência e o jornal não sair nos conformes como eles pretendiam. Claro que eu fui festejado e tal... Mas, com o passar dos dias, ficou evidente, não há menor dúvida, de que a direção do jornal sabia, que naquela noite eu teria que passar fora e foi a razão, porque não fazia sentido que eu ficasse preso, encarcerado no Batalhão de Guarda, porque se o interrogatório devia continuar me chamassem no dia seguinte, de manhã eu iria, mas eles queriam que eu não estivesse na redação, naquele momento crucial em que o censor vai embora e o censor passa a ser a própria redação.

Na prática, no cotidiano, como que essa autocensura acontece?

Bom, aí eram instruções que chegavam, sempre da Polícia Federal: “não pode publicar isso”. Mas a gente sempre dava um jeito de obedecer estritamente, isso foi uma coisa que partiu de todos, da lógica, do bom senso. Cumpra-se a determinação e interprete-se essa determinação com liberdade, é óbvio, você não poderia fazer diferente. Então sempre a gente obedecia, mas dava um jeito de desobedecer porque estava cumprindo estritamente...E as ordens eram burras,

feitas pelo um inspetor, inspetor Borges, se não me engano, que normalmente telefonava. Até que um dia eu falei: "Vamos começar a colecionar essas ordens porque é tanta coisa absurda, não pode falar em meningite". Surgiu um surto de meningite naquela ocasião, que é habitual na época do ano, e não se podia falar porque seria mostrar, assustar a população, mostrar que, revoltar a população, então não se podia falar em meningite, não se podia falar nisso, não se podia falar naquilo, tinha assaltos a bancos feitos pelos grupos de resistência, não se podia mencionar, mas você sempre dava um jeito de acabar mencionando, em suma, tinha muita coisa absurda que você não podia dar, que eu falei: "Vamos começar a colecionar essas ordens pra gente saber o que há três meses atrás o cara falou, se não tem uma contradição...". E passamos a colecionar essas ordens. Eu tenho esse livro, chamado "Livro Negro", foi publicado na Bahia, numa tese de mestrado, eu acho, Marconi...Esqueci o primeiro nome...Paolo Marconi. Ele publicou, tenho impressão. Eu dei minha cópia pra ele. Os comandos da redação tinham as cópias também para acompanhar essa coisa maluca de você obedecer às ordens do censor. Mas nós passamos a colecionar isso, isso é um dado, isso merecia ser estudado, embora parcial, pega só um período, mas o período mais agudo da censura, mas eu acho muito importante preservar a memória dessa censura. E finalmente houve o episódio, mas aí realmente já começaram a acontecer coisas que eu vi que já não dava mais, eu não podia mais engolir. Houve aí um episódio, isso foi dado pela Isto É, anos depois, houve um episódio, foi num sábado também, eu chego na redação e tem um envelope do Nascimento Brito pra mim, com uma matéria escrita em lauda do Jornal do Brasil, evidentemente por algum jornalista cooptado pelo Comando Militar sobre um negócio de um guerrilheiro arrependido, que tinha denunciado, não sei que, e a matéria já vinha com título, já vinha com lead, toda arrumadinha, em lauda do Jornal do Brasil, prontinha, com a ordem para publicar com destaque. Isso nunca, mas nunca tinha acontecido, nunca tinha acontecido. O Brito, quando ele queria alguma coisa, mesmo relacionado com a situação política do país, ele vinha, me dar a ordem e sujeito a eu discutir com ele. Nunca tinha acontecido eu receber uma matéria pronta, já com todas as instruções, chamada de primeira página, e, eu me lembro que eu falei: "Não, não vou continuar...". E aí eu lembro que naquela época, o Castellinho, o Carlos Castello Branco, estava no Rio, eu tenho impressão que ele estava passando uma temporada no Rio em recuperação, talvez de um enfarte que ele tinha tido, mas ele estava hospedado num apartamento que não era longe do meu, na Joaquim Nabuco, e eu então pedi demissão e ele soube disso e falou: "Não Dines, passa aqui, olha Dines, não faça isso porque se você sair do Jornal do Brasil vai piorar tudo, você pelo menos tem autoridade pra resistir, pra protestar, pra espernear,

“você vai sair, vem aí um pau mandado...” E a minha resistência, minha determinação, foi cedendo, mas eu fiquei muito irritado e vi que a situação, digamos, vinha em rota de colisão, qualquer momento eu não resistiria a uma outra situação como essa. E isso aconteceu justamente em setembro de 1973 quando no dia da derrubada do Allende, não veio nenhuma instrução e nós preparamos o jornal, evidentemente com a manchete sobre o Allende, derrubada do Allende, a morte dele, por sorte nós estávamos com um jornalista que estava em Santiago de férias, mas era o editor internacional que tinha ido lá, acho que de férias, Humberto Vasconcelos, e ele fez uma matéria, não foi lá pra isso, mas jornalista faz. Ele fez uma matéria, cinza, a cor local, em suma, estava com uma boa edição e fechamos o jornal, eu vou pra casa e quando eu já estou em casa jantando, 10 e meia da noite, uma coisa assim, toca o telefone da redação...”Dines, chegou uma ordem aí da polícia, proibindo que o assunto do Chile seja dado em manchete, não querem destaque, não querem manchete...”. Peguei o carro e voltei pra redação. Nós já estávamos no prédio novo, porque a gente se mudou para o prédio novo no carnaval de 1973 e isso foi em setembro, portanto, nós já estávamos no prédio novo, mas o caminho era muito fácil, você pega o Aterro, num minuto, de noite o trânsito ótimo, cheguei rapidamente no jornal, fui pra lá e estava presente o vice-diretor, Bernardo da Costa Campos, um homem de confiança do Brito, parente dele, e um homem de confiança, da direção, nunca se meteu com jornalismo, mas ele estava lá, achei estranho, mas eu falei... “A gente vai cumprir estritamente, eles não querem manchete, fazemos um jornal sem manchete... Vamos fazer um negócio: tira a manchete, vamos dar aí três ou quatro blocos, corpo o maior possível, contar essa história toda, sem manchete, e essa história, ela vai servir de manchete... Nós estamos cumprindo estritamente às ordens da censura, estamos fazendo um jornal em que o Allende não está na manchete”. E no dia seguinte foi aquela coisa. De manhã cedo o Armando Nogueira, da TV Globo: “Que coisa extraordinária, que o jornalismo brasileiro vive o seu momento!”. Não esqueci dos telefonemas que eu recebi e do impacto que causou e a edição não sobrou nada, não sobrou nada porque foi muito impactante, muito impactante para o leitor um jornal sem manchete. O jornal durante aqueles anos todos tinha a sua manchete em oito colunas, tudo organizadinho, seguindo assim uma certa, um ritual quase, derrepente faz um jornal sem manchete, sem foto, sem manchete, e com um corpo, pegamos a máquina que tinha, a máquina tituleira, tinha um corpo maior, que podia ser lido, então um corpo 18, 24, bem grande, contando em 3 laudas, tudo o que tinha acontecido, realmente foi muito forte. Mas o Brito ficou chateadíssimo e aí foi o começo do fim, porque três meses depois, evidentemente, nesses três meses continuei resistindo a muitas coisas que a direção do jornal

queria fazer, mas estava evidente que eu não podia continuar, e eu já até tinha mencionado... Oh Brito, quem sabe você não me manda, eu queria passar um ano na Inglaterra, eu gostava muito do jornalismo inglês, quem sabe você não me manda, um ano eu vou ser correspondente, ou eu fico fazendo um sabático em Londres, porque eu não quero mais, eu estou muito cansado... Mas evidentemente que a coisa já estava clara, pra mim, que eu não podia continuar, evidentemente pra ele também. Aqui tem um dado internacional e nacional da maior importância, eu já contei isso no livro do CPDOC, que pra mim, infelizmente, não tenho as impressões digitais, mas está muito claro o que aconteceu. O Jornal do Brasil foi contra a candidatura do Ernesto Geisel. Vocês sabem que os presidentes então, eles, os ditadores, tinham assim que conservar o ritual democrático e eles não se reelegiam, então termina o mandato de quatro anos e vinha outro milico. Então o Médici terminou o seu mandato e ele tinha que se recolher pra ser substituído e tudo indicava que seria o Ernesto Geisel, mas havia resistência no aparelho, no alto aparelho militar e estava assim meio engendrada uma candidatura civil, o Leitão de Abreu, um jurista gaúcho que era ministro de Estado Extraordinário para os Assuntos do Gabinete Civil da Presidência da República e ele estava sendo articulado, digamos, para ser o candidato civil, então pra todos os efeitos o regime estava se abrindo, mas na realidade seria a continuação do medicismo, então o Delfim Netto ia continuar, outra coisa, é importante hoje todo mundo vê o Delfim como bonzinho, o Lula o põe no colo, mas o Delfim foi o braço civil do regime militar. Foi discricionário, foi violento, fez o que queria. Isso hoje todo mundo esquece e ele está aí. Ele é do conselho curador da TV Brasil indicado pelo presidente Lula, teoricamente o meu chefe. O Delfim continuaria, o esquema todo ia continuar, só que em vez de ser o Médici, seria o Leitão de Abreu que era o homem do Médici. E o Brito entrou nessa, foi cooptado para esse esquema e em vez de apoiar a maioria do esquemão militar ele ficou com esse grupo que era mais linha dura. Ele e outros donos de jornais, mas o Brito era mais ostensivamente contra o Geisel. Acontece que em outubro houve eleições indiretas e o Geisel foi escolhido o sucessor do Médici e o Brito ficou muito mal, claro ninguém sabia disso, isso não aparecia nas páginas do jornal, mas dentro dos círculos político e militares ficou evidente que o Brito estava numa situação constrangedora e, sobretudo diante do próprio Geisel que sabia que o Brito e outros que o rodeavam foram contra a sua candidatura. O Brito desesperado, querendo se recompor, ele não podia ficar na oposição no regime militar, ele tinha que se aproximar do Geisel. Já queria que eu sáísse porque eu estava incomodando e aí teve um elemento, que de novo pra mim é muito importante, cristalino, embora eu não tenha as provas, de que ele queria se livrar do judeu que ele tinha posto para dirigir a redação do Jornal

do Brasil, É bom lembrar que em outubro daquele ano, de 1973, houve a guerra do Yom Kippur e o choque do petróleo. Foi uma guerra que Israel acabou ganhando, mas foi difícil, vinte tantos dias, não foram seis dias como da vez anterior, foi difícil, mas a represália do mundo árabe foi o choque do petróleo, o preço do barril que estava a três pulou para trinta, isso foi uma transformação da economia mundial tão grave quanto a que estamos vivendo hoje em fins do ano de 2008. Foi um choque brutal, o choque do petróleo e o Geisel até então era o presidente da Petrobras. Enquanto ele preparava a sua candidatura ele era o presidente da Petrobras porque ele era do grupo nacionalista do Exército, e ele era um estudioso em questões energéticas, aliás, era um homem extremamente competente e ele tinha a sua opção nacionalista, ele era antiamericano por razões que também não cabe aqui, mas ele não era pró-americano e tinha uma posição nacionalista, queria encontrar um caminho próprio e ele procurou se aproximar do governo do Xá da Pérsia, hoje Irã, porque o Irã era muito rico de petróleo, ele queria fazer um acordo direto com o Irã para escapar das petroleiras americanas, em suma, ele tinha lá sua política de autodeterminação em matéria energética e também uma política externa muito clara, de romper uns compromissos emocionais, morais, que tinha com o Estado de Israel. E o Jornal do Brasil sempre foi – eu tenho que entrar nesses detalhes porque eu atribuo a minha saída a essas série de circunstâncias – o Nascimento Brito foi sempre fascinado com o Estado de Israel, tanto que ele, primeiro viajou muitas vezes pra lá, acho que até muito mais vezes do que eu, só fui duas ou três, e o filho dele, o Josa (José Antonio), que até pouco tempo, digamos, era o seu herdeiro, antes ser vendido para o Nelson Tanure, o Josa, acho que a primeira grande viagem internacional que o Josa fez sozinho foi pra Israel, pra percorrer o país, pra conhecer o que estava sendo feito em matéria de ciência, educação, havia em Israel, naquele momento, hoje já não tanto, era um modelo de um socialismo democrático, “o kibutz”, uma agricultura coletivizada, sem propriedade privada da terra, tinha experiências político-sociais muito interessantes e o Brito sempre foi um fanático, digamos, ele não era judeu, mas a favor do Estado de Israel, isso evidentemente dentro do contexto da Guerra Fria, porque Israel, já naquela época representava uma oposição à penetração soviética no Oriente Médio. Com o choque do petróleo o Geisel começa a tomar, embora a Petrobras não seja o Ministério das Relações Exteriores, mas o Geisel começa a tomar uma medida de aproximação com os produtores de petróleo do mundo árabe, coisa que era nova, e percebe-se que ele ia adotar uma política de completa independência com os EUA e também com Israel. E o Brito doido para agradar o Geisel porque ele precisava limpar sua barra porque ele tinha conspirado contra a candidatura do Geisel a favor do Leitão de Abreu. E aí um dia de dezembro, 6 de

dezembro de 73, eu ia às vezes à casa do Brito, às vezes despachava com ele uma tarde inteira, com assuntos da redação, sempre reivindicações, eu queria mais isso, eu queria mais aquilo e nesse ponto ele era muito flexível, ele não resistia uma boa cantada... "Ah temos que ter mais duas páginas no Caderno B..." Ele tinha amor ao produto que ele fazia, diferente do Tanure que detesta jornalismo. O Brito tinha grande amor, tinha grande fascinação, e ele acreditava no meu trabalho, então ele sempre atendia muito bem esses pedidos que eu trazia, e eu me lembro que marcamos, eu ia a casa dele pra sentar uma manhã, pra eu trazer o meu dossiê de pedidos, de projetos, de causas que eu queria o apoio da direção. Vim com uma pasta debaixo do braço, a gente se senta no jardim, ele morava em Santa Teresa, um palacete muito bonito e eu sento lá, conversamos, ele oferece café, uma coisa muito breve, e logo ele falou assim..."Dines eu quero te dizer o seguinte, eu estou te demitindo do Jornal do Brasil hoje e por indisciplina..." Eu tinha acabado de sentar e..."Então eu vou embora..." "Não, não, mas você..." Ué, você está me demitindo, eu vou embora, eu vou passar talvez no jornal, eu vou pedir a minha secretária pra pegar nas gavetas os meus papéis, mandar pra cá, não tem mais nada o que fazer...Bom dia!". Durou dez minutos todo o encontro. Naquele dia eu estava completando 11 anos e 11 meses de Jornal do Brasil, 6 de dezembro de 1973, em 6 de janeiro eu completaria 12 anos de jornal. Quer dizer, ninguém demite alguém por indisciplina depois de um prazo tão grande, você pode demitir três meses depois, mas depois de 11 anos e 11 meses, ninguém é indisciplinado. Evidentemente que eu estava me insurgindo, a capa do Allende foi uma rebeldia minha, eu realmente não agüentei e a presença do vice-diretor, do braço direito lá, do capanga do Brito, ele realmente estava preocupado que se fizesse alguma maluquice, como de fato fiz, mas não era uma indisciplina, era bom jornalismo até, e eu fui pra casa e aí aconteceu uma afeição enorme, muito grande, e eu quero registrar que a pessoa que chefiou essa reação, que fez da minha demissão, aliás são duas pessoas, que fizeram da minha demissão uma coisa celebra, uma coisa conhecida, se não ia ficar escondida, foram dois jornalistas antípodas, Roberto Marinho e Hélio Fernandes, porque no dia seguinte a minha saída o Brito publica na página três, três linhas...A partir dessa edição o senhor Alberto Dines não é mais editor-chefe do jornal..." Ponto. Como seu eu tivesse sido, tivesse roubado, tivesse feito um desfalque, alguma coisa assim. No dia seguinte, depois dessa nota do Jornal do Brasil, O Globo, na coluna que hoje, digamos, está com o Anselmo, mas naquela época era, quem coordenava a coluna era o Álvaro Americano, que não era um jornalista, era um, também diplomata, mas um homem cultíssimo, mas aquela coluna era do Roberto Marinho, ali saíam as coisas que o Roberto Marinho, depois eu descobri quem escreveu a nota que eu vou me referir, foi o Evandro Carlos de

Andrade, que era o meu equivalente no Globo, tinha vindo do Jornal do Brasil, era meu amigo, ficou evidentemente chocado com essa notinha e descreveu a seguinte nota que a gente pode encontrar na orelha das primeiras edições do meu livro *O papel do jornal*, acho que depois eu tirei, em que ele dizia assim...“O Jornal do Brasil deveria ontem ter publicado a seguinte informação...” Dois pontos. E aí ele faz um elogio a minha mim: “Alberto Dines que é isso, que fez isso, fez isso...” Não podia sob hipótese nenhuma fazer o que ele fez, mas uma lição de moral no Brito extraordinária, desmoralização, uma coisa muito bonita, muito bonita do Roberto Marinho, porque foi autorizada por ele, não foi motivado por ele, não pode dizer, mas que foi o Evandro que escreveu, estilo inconfundível, contundente, como ele sabia fazer. E o Hélio Fernandes, que dirigia a Tribuna da Imprensa, que não suportava o Brito por razões que eles tinham transacionado o título e tal, razões que eu não quero me meter, mas foi de uma determinação extraordinária, manteve o assunto, porque não foi só a minha demissão, seguiram-se uma série de demissões, e ele com aquela coisa de repórter fuxicando, levantou, foi ele que levantou...“Olha estão saindo todos os judeus, ficaram dois só...” Não tinha muitos judeus na redação, não botava jornalistas judeus, acho que de propósito, não queria, já calejado pela experiência da Última Hora, do “gabinete Telaviv”, que eu contei aqui, nunca dei preferência a pessoa, mesmo porque eu não acho isso, esse tipo de discriminação favorável, acho tão abjeta, quanto a outra discriminação desfavorável, mas tinha, acontecia que tinha colaboradores judeus, foram todos demitidos, ficou um que era, digamos, amigo, amiguinho, do meu substituto, Walter Fontoura, que achou que era inteligente, bem, vamos deixar pelo menos um porque não mostra que não há uma determinação geral. E foram saindo todos, inclusive, foi demitida, digamos, essa jóia da literatura brasileira, chamada Clarice Lispector. Ela foi demitida do Jornal do Brasil, pelo simples fato de ter sido colocada por mim e de ser judia, porque não havia razão pra demitir, ela já era uma escritora famosa, ela já tinha uma legião de admiradores enormes, a crítica a adorava, como hoje, naquela época também, não havia razão para demiti-la e ela foi demitida porque era do meu grupo e era também judia.

Nesse episódio da saída tem duas coisas que eu acho extremamente importante e vejam não tem nada aí de teoria conspiratória, são dados que você vai juntando ao longo do tempo, que você vai encaixando e com a perspectiva você consegue entender, mas duas coisas precisam ser lembradas para mostrar como tudo isso foi bem articulado pra minha saída. Eu tinha uma secretária, que já não era mais, durante muitos anos ela foi minha secretária no JB e como ela gostava de cinema, ela começou a fazer coisas, primeiro ela fazia o roteiro de cinema, de filmes, depois ela começou a fazer pequenas resenhas e depois ela começou a escrever sobre

cinema e deixou de ser secretária porque não era atividade, ela não tinha nem o treinamento pra isso, mas continuou no jornal, claro, e sempre recebendo muitas atenções minhas que ela tinha sido minha secretária durante um período bastante longo. E logo no primeiro dia, apareceu na minha casa, a minha casa abriu-se, começou a ficar cheia de gente, e ela logo no primeiro dia veio e veio muitas vezes, muitas vezes. Muito tempo depois eu descobri que ela era a pessoa que levava para direção da empresa as manifestações mais candentes daqueles que vinham me visitar, mas era uma coisa, não fui eu que notei isso, foram as pessoas que foram a minha casa, se manifestaram candentemente, que logo depois foram punidas por esta ou aquela razão. Evidentemente estava lá espionando, tanto que depois nunca mais procurou, foi lá na primeira vez, foi alguns dias depois e sumiu. E teve uma manifestação do chefe da segurança do jornal que era um coronel aposentado, que era ligado ao serviço de inteligência, que um dia falou pra secretária do Brito, que tinha sido casada, era viúva de um líder comunista, o Orlando Bonfim, mãe da Beatriz Bonfim, e ele contou pra ela, que depois ela me contou, que assim que eu fui demitido ele falou pra ela...“Vamos mandar todos embora...” Eu não sei quais são “todos”, mas evidentemente, todos os judeus foram afastados do jornal. E tem um outro dado que também é muito importante para mostrar toda essa coisa insidiosa de como a ditadura jogou uma carga de imoralidade nas pessoas...Durante um tempo, eu sempre fui muito preocupado com questões psicológicas, eu sempre li muito sobre Freud e naquela época estava começando uma certa onda freudiana na vida brasileira, a vinda dos psicanalistas argentinos provocou, digamos, a psicanálise no Brasil ficou muito forte e eu por razões internas da redação, eu achei que seria o momento de nós fazermos algumas experiências, que eu tinha lido a respeito, não terapia de grupo, que seria impossível, mas fazer o que na ocasião se chamava “sensitivity trainee” que eram realmente experiências sob a orientação de psicólogos, de aproximação, de resolução de conflitos pessoais, em grupos que trabalhavam muito fechados e tal, era uma das técnicas, até hoje isso ainda é utilizado já sob outras formas, mas naquela época estava começando, e eu achei que era o momento. Nós estávamos vivendo muito compactos no prédio velho e os conflitos era muito, eu até não sabia, mas eram conflitos sérios, de pessoas que trabalhavam juntas, mas se detestavam, evidentemente que isso provocava falhas no trabalho e eu também de novo, sempre muito atento a essa coisa da harmonia, da eficiência fiquei achando, não eu tenho que enfrentar e fiz uma série de entrevistas e escolhi um psicólogo, especializado nesse tipo de trabalho, chamado Paulo Moura, que tinha experiente, uma folha corrida nesse campo, fiquei bem impressionado com o trabalho dele e fizemos esse trabalho de “sensitivity trainee” em vários níveis, começou do nível da

redação, superior da redação, quer dizer as chefias, depois descemos para um grupo hierarquicamente inferior, depois acho que parou nisso. Mas foi uma coisa extraordinária, era muito importante, naquele momento a pessoa angustiada, inclusive com a situação política também, que pudessem botar pra fora. É claro que eu não sabia que ele era tenente coronel reformado do Exército... Eu não sabia, sabia que era um psicólogo. Acontece que esse, eu participei de um "sensitivity trainee" dele porque a primeira fase foi com esse alto escalão da redação, eu, Lemos, todo pessoal de comando da redação. E a gente contava tudo, insatisfações, claro que não era a reivindicação salarial, isso não entrava, mas eram as dificuldades, depois, muito depois, eu descobri que esse Paulo Moura, o mesmo nome do grande músico, clarinetista, esse Paulo Moura informou à direção do jornal de tudo que ele ouviu, fez relatório, e mais me surpreendeu ainda, que quando eu fui demitido, em seguida a minha demissão, eu ocupava, eu tinha dois cargos, eu era o editor-chefe da redação e a direção do jornal, e a direção da empresa para me estimular me deu um cargo de vice-diretor também, mas não era nada, não tinha nem, nem ganhava pra isso, mas eu estava como vice-diretor da empresa, que era uma forma de mostrar "olha o seu futuro está aqui", uma deferência, mais uma razão para desmoralizar a tese de que eu era indisciplinado, se eu era indisciplinado eu não poderia ser escolhido para ser vice-diretor da empresa. Mas o que acontece, quando eu fui demitido, quem vai substituir a minha vaga é esse Paulo Moura e aí passou a ser a menina dos olhos da direção da empresa, protegidíssimo, depois eu descobri também que ele era um dos "Gustavo Corção Boys", ele era do grupo super religioso, de extrema direita, e também militar, que vivia naquele ambiente. Isso são dados importantes porque a gente tem que levar em conta certos desdobramentos que não apenas no Brasil, mas também na Argentina, agora começa a aparecer, de que a repressão não foi apenas uma repressão política, mas eles, a Argentina tinha uma comunidade judaica de 600 mil habitantes, com uma grande penetração na mídia e em todas as esferas, esferas intelectuais, a repressão judaica na Argentina foi tremenda e aí por tradição histórica, já tinha havido do passado, nos anos 20, 30, já tinha havido coisas horríveis que os argentinos não gostam de lembrar, mas estão registrados na história. Esses são dados importantes que eu não posso deixar de ignorar e que provavelmente algum historiador depois pode pinçar isso e encontrar elementos comprobatórios. Mas o que aconteceu foi o seguinte, eu que vinha sendo cortejado, convidado insistentemente pela Editora Abril, pelo Globo, pela TV Globo, nem me ocorre mais... "Deixa o Jornal do Brasil, vem pra cá..." Tinha propostas maravilhosas que eu recusava sempre... A partir dessa demissão as portas se fecharam. Armando Nogueira falou: "Dines, eu não posso de contratar..." e eu não

poderia perguntar a ele por que. O Evandro Carlos de Andrade, que foi tão generoso, tão nobre com aquela nota, inclusive recebeu alguns dos demitidos do Jornal do Brasil. Ele contratou vários daqueles que saíram comigo, mas a mim ele falou: "Dines, eu não posso te contratar..." Roberto Civita, meu amigo, que tinha ido à minha casa várias vezes: "Você vai se mudar com a sua família pra São Paulo e eu vou te botar na diretoria da Editora Abril..." Eu era amigo dele há muito tempo..."Alberto, não posso..." Porque tinha havido uma determinação, dessas coisas que não tem documento, que as portas se fechassem, que eu era o indisciplinado, o subversivo perigoso. Não tive oportunidade nenhuma, aí o que eu fiz? "Vou escrever um livro..." Pelo menos um balanço do que eu fiz no Jornal do Brasil e fiz *O Papel do Jornal*. Eu fiz esse livro pra deixar registrado que eu não ia desaparecer como jornalista, porque a intenção era essa, apagar: "não continua, está proibido de, não vai ser perseguido, não vai ser torturado, mas não continua". E um desses grandes, ainda não estou autorizado a dizer, mas desses grandes amigos meus, que tinha poder na mídia e que disse que não podia me empregar falou: "Dines, eu se fosse você ia para os EUA, ficava numa universidade lá...". Eu ainda não tinha publicado o livro, estava escrevendo, mas não tinha publicado... "Escreve um livro..." Ele usou até o exemplo do fundador do L'Express, Jean-Jacques Servan-Schreiber, o homem que fundou o L'Express, que fez um livro sobre jornalismo, que fez um grande movimento na época..."Vai pra uma universidade, fica lá, se tranca um ano, faz um sabático e tal...". E por coincidência o livro sai e logo depois vem um convite da Universidade de Colúmbia, que na ocasião o reitor da Escola de Jornalismo de Colúmbia era um grande jornalista americano, amigo meu. Eu tinha ganho o prêmio Maria Moors Cabot em 1971, em suma, eu tinha boas relações com ele, e ele me faz um convite..."Olha eu quero convidá-lo pra ser professor visitante da Escola de Jornalismo da Colúmbia". Era uma coisa extraordinária, eu que interrompi meus estudos no 2º científico, realmente ser convidado pela Escola de Jornalismo da Colúmbia, eu já tinha feito um curso da Colúmbia em 64, mas era um curso paralelo pra editores, uma espécie de *Master* para editores, que foi muito bom, muito positivo pra mim, e agora esse professor visitante, então ele me pergunta se eu queria fazer um semestre, se eu queria fazer dois semestres, o salário era muito bom. E eu fui, eu aceitei e foi uma experiência, viver um ano em Nova Iorque é um doutorado. Em qualquer época e ainda mais naquela época, estava terminando o "Caso Watergate", estava começando o *Mediacritic*, a crítica dos meios de comunicação, estava começando naquele momento, e estar na Colúmbia, que é a melhor escola de jornalismo, mesmo que eu não lecionasse nada eu ia ter um aprendizado. Tanto que eu dizia: "não sou um professor visitante, eu sou um estudante visitante porque eu estou aí

pra aprender". Foi um aprendizado extraordinário sob todos os aspectos. E fiquei lá um ano e aí já terminando o 2º semestre eu recebo, provavelmente era fevereiro de 75, eu recebo um telefonema, depois uma visita do Cláudio Abramo, que estava dirigindo, nos últimos anos estava trabalhando com o Frias, com o velho Frias na Folha, falou: "Dines, eu estou indo a Washington para encontrar o Pimenta Neves, do qual ele era amigo, e quero convidá-lo para trabalhar no jornal e vou passar em Nova Iorque e queria que você me recebesse...". E a gente vai almoçar, era fim de inverno, por isso que eu calculo que tenha sido fevereiro, e ele me fala: "Dines, não sei quais são seus planos, não sei quando você vai voltar ao Brasil, acho que você deve voltar logo, você não pode interromper a sua carreira e eu gostaria que você ao voltar ao Brasil colocasse a Folha nas suas prioridades porque eu estou lá, o Frias está me dando carta branca, ele quer fazer do jornal, quer um jornal sólido empresarialmente, mas quer fazer um jornal editorialmente importante, eu queria que você trabalhasse comigo". Olha, com o maior prazer..." E eu sabia que eu ia voltar porque eu não ia ficar exilado, eu sempre detestei essa condição do exílio, você pode ter até um exílio interior porque todo ser humano é um exilado no fundo, mas a condição de exilado, eu filho de imigrantes, realmente eu não queria repetir essa história. E eu falei: "Eu vou voltar, está marcado pra maio ou junho quando termina o meu contrato, eu volto em seguida e aí eu te procuro". E efetivamente, voltei, em maio eu acho, ou junho, e liguei pra ele..."Ah, então pega um avião que vamos conversar com o Frias". E aí realmente, fui lá, eu nunca tinha estado na Folha, a Folha para o jornalista de então era um jornal que você olhava, virava as páginas e não levava a sério porque era um jornal inteiramente desorganizado, matérias muito ruins, sem nenhum esmero, e o Cláudio entrou lá pra justamente melhorar isso, mas era um empresa sólida, ele tinha um sistema de distribuição pelo interior de São Paulo que dava a ele uma solidez econômica extraordinária, mas estava evidente que o jornal precisava agora reequilibrar a parte jornalística porque a balança estava muito desregulada e vou lá e o Frias repete justamente esta história..."Eu quero investir no jornal, está todo mundo muito quieto, eu posso falar o que eu quiser...E eu queria que você escrevesse no jornal..." Eu cai pra trás, porque eu era conhecido, digamos, os meus méritos se eu os tivesse, era o mérito de organizador de jornal, de editor, o que você quiser, eu não era, embora eu estivesse escrito muito e acho que escrevi algumas coisas importantes, algumas séries que eu fiz em reportagem, inclusive a da Rússia, mas nunca ninguém falou: "Não, eu quero que você escreva...". E eu falei, olha eu não sou um escriba, tem tantos grandes...". "Não, não, é por isso mesmo... eu quero que você escreva, eu quero que você faça uma coluna, eu quero que você faça diariamente um comentário político e quero também que você seja o chefe da sucursal do Rio de

Janeiro. E pra você fazer essas duas coisas eu vou te pagar X...". "Pôxa, mas é muito pouco". Ele sempre pagou muito mal, não sei como é hoje, mas a fama dele era de pagar mal. Ele dizia mesmo: "Olha, eu pago mal, mas eu pago, não engano ninguém...". Eu disse: "Mas Frias, eu quero fazer o seguinte, eu quero te propor uma coisa que não vai te custar nada... Eu quero fazer uma coluna semanal na edição mais desimportante da semana, que eu acho que é a de segunda-feira, me ponha no último caderno que você quiser, eu quero fazer uma coluna sobre imprensa, de crítica à imprensa". Aí ele falou: "Não, não faz isso não...". Aí contei a história do "Watergate" que provocou todo esse debate, toda essa nova disciplina que era a crítica à imprensa e ele, o Frias era extraordinário, ele pegava as coisas com grande acuidade, de repente eu vi o olhar dele fixado no meu, prestando atenção, ele falando assim: "Olha, tá bom, mas eu quero te dizer, você só vai arranjar inimigo...". Falei: "Tudo bem, se o preço é esse, tudo bem..." Marcamos o dia que eu ia começar, acho que eu comecei num início de semana, uma segunda também, segunda pra escrever na terça, e no fim de semana deveria sair a minha primeira coluna sobre mídia que eu inventei um nome assim, "O jornal dos jornais", porque não me ocorreu outro melhor, acho que esse é um bom nome, e qual não é a minha surpresa, talvez na véspera do fim de semana, o Cláudio me falou: "Dines, o Frias resolveu botar no domingo..." Eu proponho segunda-feira pra eu não ter importância, ele me põe no domingo?!...E me põe na página seis do domingo, que até hoje é a página do ombudsman, não existia ombudsman naquela época, ninguém sabia o que era isso, não era uma função comum, como é hoje, mas a crítica à imprensa era uma disciplina que existia, uma atividade, uma função, que existia. E eu começo fazer e acho que foi um dos maiores sucessos da Folha, porque o Cláudio e o Frias deixavam fazer, o Brito também era uma pessoa que deixava fazer, quando confiava, mas aí o jornal, a Folha, estava em busca de conteúdo. Eu posso dizer, eu já escrevi sobre isso, que foi uma revolução jornalística única na imprensa brasileira porque foi uma revolução de conteúdo, o Cláudio praticamente não mexeu no jornal graficamente, mexeu alguma coisa porque ele era artista gráfico, ele tinha um censo estético fantástico, mas o que ele mexeu mesmo foi no conteúdo. A imprensa estava quieta, toda autocensurada, com censores ou sem censores, mas toda ela seguindo, e ele queria fazer um jornal liberal e aí eu remonto um pouco. Quando ele me convida pra escrever e aí eu já tinha acertado com o Cláudio, eu falei: Mas Frias, eu não posso escrever em qualquer página, você não tem página de opinião, você tem que fazer uma página de opinião pra eu entrar lá...". E eu me lembro que o Cláudio estava lá atrás dele, deu uma piscada pra mim felicíssimo, porque era a proposta dele, ele queria fazer uma página de opinião. Aí ele: "Então tá bom, você desce aí com o Cláudio, vocês

desenham uma página e depois me mostram...” Eu dei uns palpites, eu tinha experiência porque a página de opinião do Jornal do Brasil tinha mudado na minha gestão, apenas adaptado um pouco o desenho original da reforma de 1956, eu dei alguns palpites lá e o Frias aceitou e eu comecei a escrever, mais ou menos o que é a página hoje, só que tinha bem no canto esquerdo, eram três colunas, uma do Rio, uma de São Paulo e uma de Brasília, a de São Paulo era o Samuel Wainer, eu estava na melhor companhia possível, a de São Paulo era Samuel Wainer, eu fazia a do Rio e Brasília era o Lopes, esqueci o nome dele, que era colunista do jornal, mas que até então ele escrevia em qualquer página. Ele fazia um comentário de Brasília, e saía em qualquer página, isso era uma coisa absurda, ninguém lia, porque um dia saía na página de Polícia, um dia saía ali e você tem que ter a página de opinião muito bem definida e essa página de opinião não era assinada, tinha só as iniciais, AD, no meu caso, SW, e o colega de Brasília, cujo nome me escapa agora, Lopes, que assinava com as iniciais dele. E eu fiquei surpreso, primeiro porque eu não era um homem de escrever, habituado a ser reconhecido como um homem que escreve e fiquei muito bem gratificado pela repercussão, realmente eu peguei a coisa na primeira, nessa segunda-feira mesmo tinha havido um movimento de rebelião no Congresso, uma imposição do governo, eu peguei aquilo, fiz um negócio e me senti bem, parecia que eu estava recomeçando uma coisa que eu sempre fiz na vida e que não tinha sido verdade, não era a minha atividade, mas se você é jornalista e gosta de escrever evidentemente, você pega logo a mão, e foi realmente muito bom não houve restrições, a coluna era muito trabalhosa porque eu tinha que fazer na sexta-feira, quando eu tinha que preparar a minha coluna de domingo e de segunda, ou a de sábado e domingo, em suma, era muito penosa a minha sexta-feira, eu tinha que preparar aquele colunão “Jornal dos jornais”. E teve uma grande repercussão, positiva e negativa, isso é muito importante, teve pessoas aí que disseram, eu não vou dar os nomes, e pessoas de esquerda, que eu não devia revelar os segredos íntimos da profissão publicamente, sobretudo, num momento em que a imprensa estava sendo coagida, quando justamente a minha função era cobrar porque a imprensa estava admitindo a coação, a minha finalidade era publicar o que a imprensa mandava e fiz isso no Caso Herzog, fiz isso no Caso Zuzu Angel... Fui eu que dei, ninguém deu, eu dei cobrando, eu dava notícia, porque ninguém deu isso. Teve gente, também de esquerda... “Você está querendo ser o censor”... Eu falei: “Não, sensor com s...E não com c...Eu quero mostrar as coisas que estão acontecendo e não censurando, ao contrário eu quero abrir...”.

Dines, essa possibilidade de opinar, de criticar, o que permite à Folha, naquele contexto político, fazer isso?

Poder econômico: ela não devia nada, ou ela devia as dívidas normais, o INPS naquela ocasião, mas estava sendo discutido isso, mas a Folha não estava encalacrada com empréstimos em dólares... Operação 63, imposta pelo Delfim ao JB, ao Estadão.... O Delfim Neto, o que ele fez de perverso foi que ele estimulou os jornais a fazerem planos faraônicos financiados em dólar por essa Operação 63: "Façam isso que o governo garante...". Depois eles começaram a suar pra pagar. O Jornal do Brasil e o Estadão começaram a quebrar aí. Claro: era uma forma do governo controlar a empresa sem precisar de censura.

A Folha não sofria censura?

O quê!...Não tinha censura, o jornal não sofria censura, nesse período não houve nenhuma vez em que eu tivesse sido advertido, nenhuma vez, no período Cláudio Abramo, de 75 a 77. Aí em 77 acontece um negócio, foi um ano muito difícil dentro da chamada abertura do Geisel, a linha dura cada vez pior, já tinha acontecido Herzog, já tinha acontecido Manoel Fiel Filho, mas a linha dura aperta, tem o Pacote de Abril que o governo faz, que sufoca qualquer possibilidade de oposição, e o jornal reagindo, porque o jornal estava plenamente escrevendo como se fosse numa democracia e aí surgiu um episódio em 77, tenho impressão que foi em 77, do Lourenço Diaféria, que morreu agora, ele não era um comentarista político, mas ele fez uma crônica, um grande cronista da cidade de São Paulo, como há muitos, e ele fala na estátua de Caxias que estava emporcalhada pelos pombos, algo assim, que foi considerada uma ofensa ao Exército e aí dá uma onda danada e aí a situação política, como um todo, já estava muito tensa e aí o Armando Falcão, que era o ministro... Ele era um demoníaco, não se contou ainda os malefícios que ele fez ao Brasil, como um dos elementos principais na área civil, o braço civil da ditadura, e àquela altura escreviam na Folha, Antônio Callado, o Luiz Alberto Bahia, uma série de pessoas, todos eles ex-diretores de jornal e evidentemente fazendo oposição, cada um no seu grau, o Callado muito mais avançado, o Bahia muito mais cauteloso, em suma, você tinha um grupo de colaboradores fantásticos, pressionando e o Frias recebeu um aperto do Falcão. O Frias recebe um aperto e ameaças. Ele depois me disse: "Eles querem te caçar e proibir que você exerça a profissão". O Callado foi ameaçado, houve ameaças claras que o jornal tinha ido longe demais e que não era possível, porque tinha atrapalhado os planos da distensão gradual e segura do Geisel, tinha que voltar atrás porque senão ia mudar todo o cronograma, em suma, o jornal é obrigado a capitular e aí o Frias, num gesto bem bolado, ele faz a capitulação em grande estilo, ele pede demissão da

presidência da Folha, um ato formal, porque ele continuou mandando evidente, e demite o Cláudio Abramo, que permitiu essa grande abertura, porque tudo isso era a cabeça e a alma do Cláudio Abramo que permitiram que o jornal ganhasse essa riqueza de conteúdo que teve em 75 e 77. Então o Cláudio foi afastado e foi chamado de volta uma figura que era o homem de confiança do Frias até 75, Boris Casoy, um homem que nunca escondeu que era de direita, direita mesmo, direita radical e mandam buscar o Boris Casoy para assumir a direção do jornal. E aí eu paro de escrever a coluna diária e eu paro de fazer a coluna "Jornal dos jornais". O jornal como protesto deixa de escrever o seu editorial, porque o jornal tinha seus colunistas e o editorial no meio, o jornal deixa de fazer o editorial. Mas o Frias não me demitiu, eu continuei chefe da sucursal, me pedia, no lugar do editorial tinha um artigo filosófico, um artigo filosófico sobre Platão, bem assim, Aristóteles, e eu enchia esse espaço e pra nos preservar ele garantiu..."Olha vocês não se preocupem, estão garantidos..." E assim a gente continuou. Eu quero também fazer um parêntese que é importante, um registro importante, fazer uma pequena remissão, quando eu comecei na Folha, foi aquele ano da Folha, o 75, que a Folha durante muito tempo o Otávio Frias Filho não queria reconhecer que o projeto Folha começou em 75, ele queria reescrever a história e dizer que tudo isso começou quando ele começou a vir pra redação nos anos 80, mas não, a mudança da Folha foi com Cláudio Abramo em maio, junho, em junho de 75, mas nesse período o Cláudio Abramo era o orquestrador mas ele não tinha a função específica de diretor de redação e chegou em dezembro de 75 o Frias queria reorganizar, realmente dar nome aos bois, aquelas pessoas que ficarem no cargo, ele me convidou, foi já em dezembro de 75, véspera de Natal..."Vem aqui a São Paulo, vem jantar na minha casa, que vai estar o Cláudio Abramo, vai estar o Boris, vai estar o Paulo Francis, (que aquela altura colaborava já no jornal) vamos conversar um pouquinho sobre o jornal, planos futuros..." Isso em 75 já na fase mais gloriosa e o Frias então me convida pra ser diretor do jornal, pra vir pra São Paulo dirigir o jornal. Eu disse: "Frias, não faz sentido, o homem que está fazendo o jornal e está fazendo como ninguém é o Cláudio Abramo, é ele que tem que continuar, eu não posso, estou no Rio, não tenho condições de mudar e nem poderia ocupar essa função que de direito é do Cláudio Abramo...". Isso é um parêntese que eu acho importante registrar. Então, voltamos a 77, aquela grande recuada, mas feita assim com uma certa pompa, o Frias pede demissão, o jornal de certa forma muda, eu deixo de escrever, o AD desaparece, o "Jornal dos jornais" desaparece também, eu continuo trabalhando, semanas depois, eu não posso precisar quando, mas não mais que um mês, o Frias me diz: "Vamos fazer o seguinte, você volta a escrever na página dois, o AD volta, mas você acaba com o "Jornal dos jornais"...Ordens são ordens, não

vou perder o emprego aquela altura e aí nós paramos o "Jornal dos jornais" que incomodava muito o governo, não incomodava pelo que saía, mas pela notinha em que eu cobrava: porque a TV Globo não deu, porque esse não deu...

Como foram as relações de jornais e jornalistas com o projeto da distensão política?

Depende de jornal pra jornal. O Estadão, embora, apesar do Camões e das receitas culinárias, formalmente ele se opunha à censura, mas ele estava inteiramente amarrado, inclusive ideologicamente. O Frias, que era um homem de direita, era mais flexível que o Mesquita, que tem uma tradição democrática, mas que estava muito amarrado, inclusive porque o Estadão foi digamos, a voz do golpe militar ou da revolução em São Paulo. Tinha grande tradição antigetulista, ele era anti-Jango, ele era pró Lacerda demais, então ideologicamente o Estadão era, eu não diria mais à direita, mas mais conservador do que o Frias, que era um homem de direita, que fez jogadas direitistas terríveis, já apareceram aí, mas ele era um homem muito atento e muito flexível e capaz de rapidamente se adaptar às circunstâncias, o que eu que como ser humano você pode botar dúvida, mas para um homem de jornal é uma coisa, tem que aproveitar as oportunidades, sobretudo, em período de emergência onde você não tem uma Constituição ou tem uma Constituição que é discricionária. Então você tem as relações dos jornalistas com os regimes, elas não são uniformes e houve pressões no período, eu não posso dizer se foi antes de 77 ou depois de 77, mas teve um momento, de novo eu vou trazer o nome do general Otávio Costa, houve um momento aquele reacionário danado, o Ednardo D'Ávila, tinha sido demitido e em seu lugar tinha assumido o general Dilermando Monteiro, que eu nunca tinha ouvido falar, eu nunca acompanhei o negócio do Exército, mas ele tinha sido também do grupo que foi lutar com a FEB, o chamado grupo liberal, e eu mandava brasa. Um dia recebo um telefonema de uma pessoa da minha família, que era amiga do general Otávio Costa e diz assim..."Olha, pede uma audiência ao Dilermando Monteiro, pede uma audiência a ele que ele quer falar com você, mas ele não quer convocá-lo porque seria absurdo, pede uma audiência, como jornalista você pode pedir...". Eu falei com o Frias e o Frias disse pra ligar pra ele e eu pedi audiência e fui a ele e ele muito gentil, com uma pilha de recortes na mesa dele, depois eu vi muitos marcados em vermelho e ele disse..."Sr Dines, o senhor aqui, tem gente que não gosta do senhor aqui não!" Assim mesmo. Ele era do Mato Grosso, um sujeito meio assim, aparência de gente bronca, mas muito, muito sutil..."Tem gente que não gosta aqui do senhor, olha só, marcado com vermelho o artigo que o senhor escreveu, mas eu sei quem é o senhor, mas maneira, não faz isso...". Me dando conselhos pra manerar um pouco e eu falei: "Eu estou

defendendo a causa brasileira. O general Geisel está querendo restabelecer a democracia e eu acho que a gente tem que se preparar pra ela, não pode ser de repente. A imprensa tem que ser reeducada". Não, resultou em nada, não foi advertência nem nada, foi uma coisa feita com inteligência. Foi o Otávio Costa, que ligou pra minha família, sugerindo que eu pedisse uma audiência e eu pedi e esse homem foi muito decente depois em outros episódios da repressão, mas que não vem ao caso senão a gente não termina hoje.

Como aconteceu a sua demissão da Folha?

Então, a situação vinha bem, mesmo depois quando o Boris Casoy reassumiu o jornal, houve aí uma ou duas vezes que a minha coluna não saiu, mas era questão de imprensa, não era nem política do país, eu não me lembro em que circunstância ele falou: "Olha, não dá, Dines..." Cordato, bastante cordato. Até que veio 79, em 79 tem dois dados aí, tem a greve do ABC e a greve dos jornalistas. A greve dos jornalistas foi um dos maiores crimes cometidos por uma entidade sindical, foi um crime e quem diz isso foi o Lula. O Lula disse, alguns anos atrás, acho que já era presidente: "Eu fui fazer piquete na porta do Estadão, eu era metalúrgico e fui fazer piquete, mas os jornalistas estavam lá no "bem bom", porque não iam trabalhar, foi uma greve absurda, não se conquistou nada, só houve retrocesso...". O Lula foi perfeito nisso, como líder sindical ele fez a análise perfeita. E eu digo que foi uma greve absurda, ela foi forçada pelos radicais, não havia PT naquela ocasião ainda, tinha um grupo que depois foi pro PT, de radicais, que não queria nada, queria causar realmente uma comoção, não reivindicavam precisamente nada porque os acordos eram cumpridos, pagava-se mal, evidentemente, mas os acordos eram cumpridos, realmente eles queriam fazer uma demonstração política e todas as lideranças mais velhas, Cláudio Abramo, velho comunista, aliás, velho trokista, todo mundo dizia: "não façam, não vamos entrar nessa, vai provocar reações". Mas foi aprovada, foi a greve em São Paulo, mas ela foi adotada também no Rio e sobretudo em função de que os jornais de São Paulo tinham sucursais aqui. O que eu fiz: eu liberei a redação, pra todos efeitos eles não provocaram nenhum ato de rebeldia, eles estavam liberados por mim, isso deixou o Frias um pouquinho irritado, mas eu liberei e trabalhei. Fiz a minha coluna, fiz o que eu tinha que fazer, continuei na redação o tempo todo, a redação estava fazendo, mas eu fiz o que eu tinha que fazer e depois em seguida, eu pedi demissão: "Eu cometi um ato de rebeldia, eu liberei a redação e eu não quero mais continuar como chefe da sucursal, continuo a minha coluna, mas eu fiz uma coisa que a minha consciência ditava, eu não ia punir os meus companheiros, liberei eles, mas também, depois

disso eu não quero continuar com essa responsabilidade da chefia..." E continuei escrevendo, cortaram meu salário, mas eu continuei escrevendo a coluna e fazendo que eu fazia. Até que surge a greve do ABC, com a repressão do Maluf, o Maluf não era esse tipo folclore aí, ele era o homem da repressão. E houve mortes, houve violências, foi uma greve que também hoje a gente esquece disso. E eu resolvi escrever um artigo na página dois contra o Maluf, "A culpa é do Maluf", alguma coisa assim, aliás, eu fiz um artigo chamado "Os dois Paulos", um era o Dom Paulo Evaristo Arns e o outro era o Paulo Maluf, mostrando a posição de Dom Paulo e a posição do Maluf e aí recebo um telefonema do Boris dizendo: "Dines esse seu artigo não vai sair... Lamento". No dia seguinte, tinha que escrever outro artigo, não me lembro o título, sobre o mesmo assunto e não saiu. Por acaso, essas coincidências a gente tem que dar, eu já estava colaborando no Pasquim, mandava uns troços lá pra eles e como eu sou amigo do Ziraldo e do Jaguar, desde outras eras, o Jaguar começou como humorista na Manchete quando eu estava lá, então tínhamos uma relação boa, e eles haviam pedido..."Não, Dines vem aqui, a barra está ruim..." Porque eles sofreram a censura...Vê se você dá uma mãozinha aqui pra nós..."Eu me lembro que eu fazia algumas coisas pra eles, aí quando veio essa proibição de publicar esse artigo, o que eu fiz, eu peguei um desses artigos que foram rejeitados e mandei pro Pasquim e sugeri ao, não me lembro quem fazia o grafismo lá, pra eles diagramarem como se fosse o meu artigo da Folha, com a mesma diagramação e com o título" O jornal da cesta "e com um balãozinho dizendo assim" há momentos na história da imprensa em que o mais importante não é o que sai, mas o que deixa de sair e vai pra cesta ". Eu fiz uma brincadeira, era Pasquim, tinha que se brincar tinha que ter bom humor, e publiquei isso. No dia seguinte à saída do Pasquim, esse artigo, o Boris me telefona, me demitindo por telefone. Eu saí, peguei minhas coisas, pagaram direitinho, tudo perfeito e fui embora. E eu já estava naquele período envolvido com a biografia do Stefan Zweig, vou aproveitar agora que eu fui demitido, tinha um Fundo de Garantia bom, cinco anos na trabalhando na Folha, junto tudo, demitido você ainda tem mais aqueles quarenta por cento, vou aplicar isso na Bolsa, a Bolsa estava bem, eu tinha um bom corretor. Ele fazia boas aplicações e eu, pela primeira vez, larguei o jornalismo para fazer literatura e foi pra mim uma experiência importantíssima. No meio do caminho o Otávio Frias Filho foi à minha casa aqui no Rio: "Não, eu queria que você voltasse, foi um mal entendido..." Eu falei: "Otavinho, eu não vou poder, estou envolvido com esse livro, quem sabe depois...". E não voltei mais.

Você é uma pessoa com uma preocupação muito grande com a história do jornalismo, com o estudo dessa história e também com a crítica do jornalismo. Na sua opinião como a preservação da memória do jornalismo pode contribuir para o aprimoramento da prática?

Eu acho muito importante. Primeiro como ser humano, o ser humano tem que cultivar a memória e tem uma obrigação com o seu próprio passado, ele tem que saber, de onde ele vem e ele é consequência de quê, isso eu acho que faz a grande diferença na condição humana. Mas como jornalista ele tem que ter esse ofício, que é um ofício muito especial, é um ofício espiritual, talvez a última profissão romântica, a última profissão em que você é empurrado pelos ideais primordialmente, se não for assim eu acho que você está errado, eu acho, pode ser que eu esteja errado acreditando nisso, mas eu acredito nisso e acho que o jornalista tinha que saber a sua história profissional, não apenas o seu currículo profissional, mas a história da sua profissão porque você é consequência e continuação de toda uma construção que leva séculos. Sempre defendi isso e por coincidência, quando eu voltei dos EUA eu fui convidado pra uma dissidência da PUC, eu era professor da PUC antes, e fui convidado pra uma dissidência da PUC que lá em Jacarepaguá fez a CUP, Centro Universitário, não sei bem, era o contrário de PUC, esse grupo depois, foi o núcleo que gerou a universidade do Levinson, é a UniverCidade, esse grupo originalmente, lá na origem, a CUP fechou, não ficou muito tempo e depois virou essa UniverCidade do Levinson. Eu fiquei lá um semestre só e eu falei, eu só quero dar uma disciplina, eu quero dar a disciplina da História da Imprensa Brasileira, eu tinha chegado dos EUA. Por que eu fiz isso, porque nas minhas atribuições como professor visitante eu fui convidado a dar vários seminários sobre a História da Imprensa Brasileira e por sorte eu tinha alguns trabalhos importantes, sobretudo o livro da primeira edição do Nelson Werneck Sodré, o Hélió Viana, a pouca bibliografia que tinha sido publicada, eu tinha comigo em primeiras edições e levei para os EUA. E foi bobagem porque a biblioteca da Colúmbia é uma das melhores do mundo e tinha tudo isso lá, mas eu não precisei e dei alguns seminários que vinham meia dúzia de alunos interessados, e em inglês que eu tinha que dar, mas foi muito bom pra mim. Eu preparei até um trabalho que eu tinha que apresentar nas minhas obrigações de contratado. Então, quando eu voltei pra CUP eu falei, eu quero lecionar a História da Imprensa Brasileira e dei um semestre apenas. Foi pra mim importantíssimo porque eu peguei essa experiência dos EUA, transplantei pra cá, melhorei, pesquisei um pouco mais e achei muito importante e desde então, estamos falando de 75 e 76, eu falo... Temos que estudar a história da nossa profissão... "É impossível fazer um bom jornalista que não conheça o passado do seu ofício. O marceneiro, o torneiro,

tem que saber como é que trabalhava antes pra ele poder com a máquina nova fazer melhor, é uma obrigação profissional. E assim, desde sempre eu tenho falado na História da Imprensa Brasileira, me envolvi na medida do possível com projetos sobre a história, até que consegui convencer a imprensa oficial de São Paulo, mas isso já nessa década, foi em 2000, dois mil e pouco, em que eu consegui convencer a imprensa oficial de fazer a reedição do Hipólito da Costa e nós fizemos esse trabalho, foi um trabalho importantíssimo, hoje a gente começa dar conta, mas na ocasião a gente não viu a importância desse trabalho. Não apenas foi fac-similar, teve adendos, teve o volume 30 de estudos com iconografia, teve comentários, não tinha tempo e recurso, mas cada volume tinha um pequeno comentário histórico pra situar o leitor, mas só a reprodução integral, em perfeitas condições gráficas, até melhores do que o original, isso foi uma contribuição extraordinária. Só faltou, mas não havia condição ainda tecnológica de fazer a digitação. Quer dizer, através desses sistemas de leitura ótica, naquela época era muito precário, fizemos a experiência e não deu certo, desistimos. Hoje eu me arrependo, infelizmente, talvez hoje seja possível fazer a reposição digital, aí você pega um artigo, publica no seu computador, comenta embaixo, faz o que você quiser, mas naquela ocasião não foi. Esse trabalho é um trabalho fundamental e comprovou de que eu virei o melhor jornalista, eu me acho o melhor, a partir do momento em que eu me enfiar na vida do Hipólito da Costa, que já estava enfiado antes quando eu fui pra Lisboa em 88 estudar a Inquisição, a primeira, eu me lembro que não foi o primeiro, mas foi o segundo processo que eu mandei vir pra eu examinar, eu queria saber se tinha um processo do Hipólito da Costa, não tinha, ele foi preso pela Inquisição, não tinha um processo dele, depois eu descobri os processos correlatos e descobri o livro dele, a narrativa da fuga e tudo, mas eu acho que eu me transformei, eu melhorei como jornalista a partir do momento em que eu entendi o passado, pelo menos esse passado mais recente da imprensa, a partir de 1808.